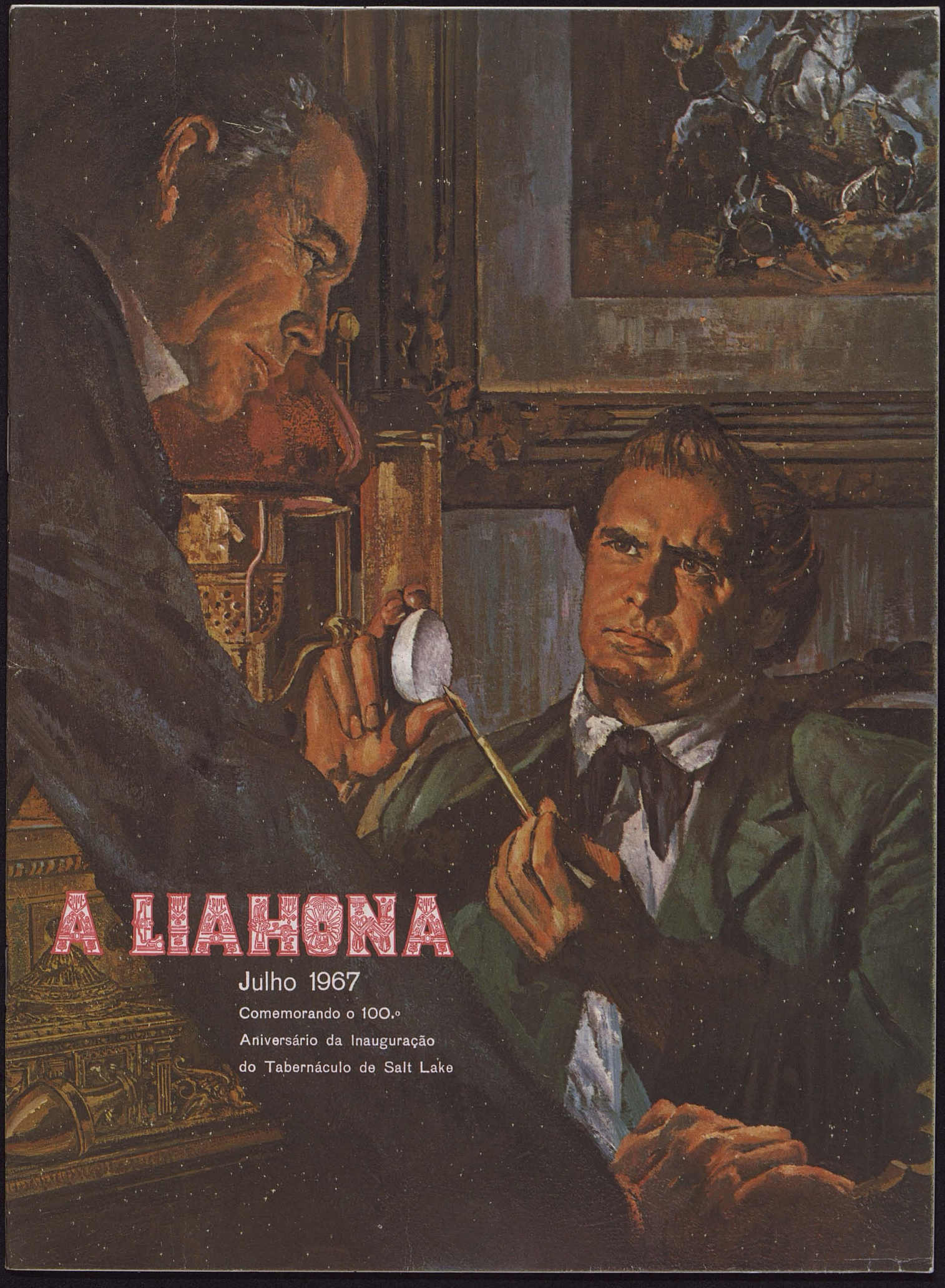


A LIAHONA

Julho 1967

Comemorando o 100.º
Aniversário da Inauguração
do Tabernáculo de Salt Lake

A Fé Inabalável de um Professor

Nathan Eldon Tanner

da Primeira Presidência

Palestra proferida na Conferência de Junho da AMM

O Senhor está pronto a conferir as mais elevadas bênçãos àquêles que se preparam e guardam os seus mandamentos e, através da humildade e da oração, progridem no seu serviço. Por êsse motivo é importantíssimo que um professor tenha preparo, coragem, convicção e visão, assim como conhecimento e testemunho.

Uma das melhores experiências da minha juventude deu se quando um rapaz veio à minha casa e disse: "Eldon, vamos iniciar uma tropa escoteira". Isto aconteceu há cinquenta anos, um ano antes da Igreja ter adotado o escotismo. "Você é justamente o tipo de pessoa que precisamos para a nossa tropa", disse êle. "Se encontrarmos mais alguns como você, teremos uma das melhores tropas da região".

Que convite excelente! Fêz-me sentir importante. Achei que realmente me queria em seu grupo, e estou certo de que deve ter dito o mesmo a todos os outros garôtos. Três de nós tínhamos que caminhar três quilômetros até a sua casa para comparecer às reuniões da tropa. Mas após ter assistido as duas primeiras, nada nos poderia impedir de continuar. De fato, muitas vêzes nos arrastávamos com a neve pelos joelhos, durante o inverno, para lá chegar. Ao aprendermos o código e tê-lo gravado em nossas mentes, nunca mais pensaríamos em mentir ou sermos desonestos. Adorávamos nosso chefe escoteiro. Fazíamos questão de ir a sua casa. Êle nos recebia com entusiasmo e sabíamos que tinha amor e interêsse por nós.

O valor disto é impossível de se avaliar, irmãos e irmãs. Quando um jovem sente que você realmente o quer, que lhe tem afeição e lhe dá importância, estará pronto a seguí-lo com o mesmo entusiasmo com que seguíamos o nosso chefe escoteiro. Relembrando, percebo agora que êle jamais perdeu uma oportunidade, em nossos jogos, em nossas excursões, em tudo o que fazíamos, para ensinar-nos a sermos honestos, castos, benevolentes, virtuosos e a fazer o bem a tôdas as pessoas. Não me recordo de jamais tê-lo visto fazer qualquer coisa, em qualquer ocasião, ou de qualquer maneira que nos fizesse pôr em dúvida o seu testemunho, sua integridade, sua honestidade, seu interêsse e amor por nós .. Como disse certa vez o Presidente Grant: "Ninguém pode ensinar o evangelho de Jesus Cristo, sob a inspiração do Deus vivo e com o poder do alto, a menos que o esteja vivendo".

O Presidente Brown sàbiamente ensinou: "*A fé inabalável de um professor* deve mantê-los (aos alunos) firmes no caminho, quando as correntes adversas e os ventos da dúvida e do cinismo os assaltarem". E depois pergunto: "A luz da sua tocha vacila ao menor sôpro da dúvida ou você consegue fazê-la resplandecer e tornar luminosas as obscuras avenidas das almas menos informadas?"

Sei que alguns de nós achamo-nos inteiramente inadequados para a obra a que fomos chamados. Alguns podem, e provàvelmente o fazem, sentir que adiaram ou deixaram de fazer o melhor que podiam. O Senhor está pronto a nos perdoar. Se crescermos apenas um pouquinho todos os dias e permanecermos próximos do Senhor. Êle nos preparará para a obra à qual fomos designados... Se não nos pusemos à altura ou temos sido de alguma forma negligentes, não tentemos racionalizar, desculpar-nos, explicar nossa indiferença ou falta de devoção, mas arrependamo-nos, aprefeiçoemo-nos e progridamos. Nossa influência na vida de um jovem pode ser eterna. Não podemos e não devemos nos esquivar à nossa responsabilidade!

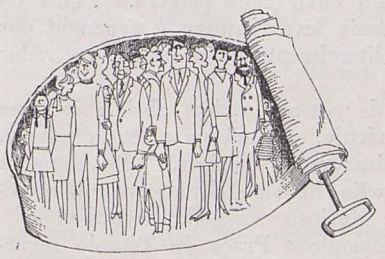
Explorando o Universo

A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA

Adaptação de um artigo de
G. Homer Durhan

Apenas muito recentemente o mundo atingiu o seu primeiro bilhão de habitantes, isso se deu em 1810, no tempo de Napoleão. 115 anos depois, em 1925, a população dobrou, atingindo 2 bilhões. Em apenas mais 35 anos, 1960, foi acrescentado mais um bilhão. Dentro de mais 13 anos, a terra terá 4 bilhões de habitantes; e chegará a 5 bilhões em 1993, ou seja, em apenas 26 anos, cálculos efetuados com base na taxa de crecimento de 1960. Nessa mesma base, por volta do ano 2220, sec. XXIII d.C., a terra estará povoada por 136 bilhões de pessoas, isto é, uma pessoa por metro quadrado!

Dentro de 33 anos, na virada do século, estima-se que a Ásia tenha 3,5 bilhões de habitantes.



A Europa chegará a 530 milhões, sem contar os turistas. O Brasil terá cêrca de 170 milhões, A União Soviética passará dos 350 milhões, o mesmo acontecendo com os Estados Unidos e Canadá juntos. A China Vermelha ultrapassará um bilhão, dando-se o mesmo com a Índia e o Paquistão juntos!

Não é só a população que aumenta. O aumento de população também aumenta. Em 1967 a população aumenta de 62 milhões por ano, mas em 1968 serão 64 e lá pelo fim do século o aumento do aumento de população será de 100 milhões por ano!

Além de afetar a educação, a questão de moradia e a expansão econômica, para se mencionar apenas alguns aspectos, a explosão

(*Continua na pág* 32)

A LIAHONA Orgão Oficial da Igreja.
Julho de 1967.
Volume XXI Número 7

ARTIGOS:

2 **A Fé Inabalável de Um Professor.** Nathan Eldon Tanner
5 **A Construção do Tabernáculo.** Stewart L. Grow
7 **O Órgão do Tabernáculo.** Jay M. Todd
11 **O Côro do Tabernáculo.** Mabel Jones Gabbott
13 **Turistas na Praça do Templo.** Entrevista
15 **O Mais Notável Gato.** O. J. Robertson
16 **A Partir de Cumorah — XIV.** Hugh Nibley
19 **Nós e a História da Igreja.** Ron Hales
27 **O Encontro.** Walter Spät
28 **Então é Disso Que São Feitos os Rapazes — XI.** W. Cleon Skousen
39 **O Tabernáculo.** Eleanor Knowles
40 **O Tabernáculo, Praça do Templo.**

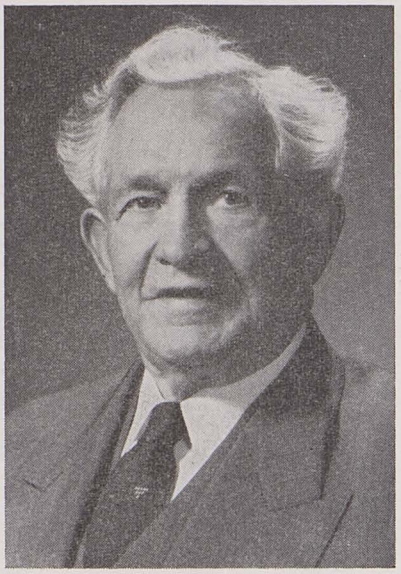
SEÇÕES:

3 **A Explosão Demográfica.** Explorando o Universo
4 **A Praça do Templo.** Mensagem de Inspiração
21 **Desejado.** AMM
22 **Ninguém Está Só.** Genealogia
24 **A Caridade e a Sociedade de Socorro.** Sociedade de Socorro
30 **O Profeta Confia na Juventude.** AMM
31 **Como Tornar os Nossos Alunos Praticantes.** Ensino
33 **Ó Vem Supremo Rei.** Escola Dominical Sênior
34 **Vagas Procelosas.** Escola Dominical Júnior
35 **Programa Noite Familiar**
38 **A Última Palavra**

CAPA: Diz-se que Brigham Young usou uma casca de ôvo para mostrar como seria o Tabernáculo, que em outubro completa 100 anos. Quando lhe disseram que ruiria, êle mostrou a casca e disse: "E por que isto não rui?" Várias pessoas garantem ter ouvido esta história de Susan Young Gates, filha do líder pioneiro. (Pintura de Dale Kilbourn).

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. **A Liahona**, orgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do UnifiedMagazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B,n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo.
Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.
Preços; Assinatura anual para o Brasil; NCr$ 3,00, para o exterior simples US$ 3.00, aérea US$ 7.00. Exemplar NCr$ 0,30, atrazado NCr$ 0,60. As mudanças de enderêço dévem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o nôvo enderêço.

A Praça do Templo



Presidente David O. McKay

A Praça do Templo é verdadeiramente o ponto focal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Aqui, turistas e visitantes se congregam para ver e ouvir a história da Igreja, dos lábios dos nossos guias. Aqui chegam membros para serem unidos como famílias eternas nas sagradas ordenanças do templo. Aqui, nas salas superiores do templo, as Autoridades Gerais reúnem-se freqüentemente e recebem inspirações e orientação para dirigir a Igreja. Aqui, no Tabernáculo, duas vêzes por ano, as Autoridades Gerais reúnem-se aos santos para as conferências gerais.

Aqui canta o Côro do Tabernáculo para uma cadeia de emissoras desde 1929, abrilhantando nossas reuniões e alegrando-nos o coração desde os tempos pioneiros. O Côro do Tabernáculo atingiu, por seu mérito, destacada relevância como uma das grandes organizações corais do mundo. Merece a gratidão de todos os membros da Igreja. Não sei de qualquer outro côro no mundo que dedique tanto tempo e meios financeiros a sua obra quanto os membros dêste coral.

O Tabernáculo de Salt Lake completa agora cem anos de uso na Igreja. Ao fim dêste ano iniciará seu segundo século de serviço.

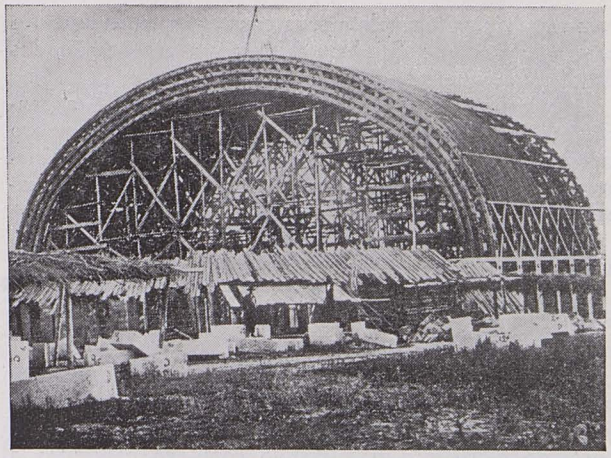
Para comparecer à conferência geral no Tabernáculo, como fazemos duas vêzes por ano, os santos dos últimos dias acorrem a Salt Lake por ônibus, trem, automóvel e avião. Na vasta legião incluem-se as pessoas que em anos passados, chegavam em veículos puxados por cavalos e mulas. Nos dias de minha avó, ela e seus contemporâneos, em mais de uma ocasião, caminhavam de 55 a 80 km para chegar até a Praça do Templo, "cantando todo caminho!" Mas, seja qual fôr o meio de locomoção, o fato significativo é que, já há um século, os membros têm acorrido de tôdas as partes da Igreja ao Tabernáculo, e antes dêle a outros edifícios, a fim de assistir as conferências.

Embora o ruído da queda de um alfinete tenha sido associado à demonstração da acústica do Tabernáculo, se bem me recordo, quando eu era o membro mais jovem dos Doze, os discursos vigorosos estavam na ordem do dia em seu interior. Era necessário cada um postar-se diante do púlpito e literalmente gritar. Os membros mais velhos da Igreja ainda recordam-se de que anos atrás, quando o rádio era relativamente nôvo, alguns alto-falantes do Tabernáculo eram evidentemente controlados pelas mesmas chaves utilizadas agora pela emissôra KSL e pareciam não operar a menos que se estivesse irradiando. Quando estávamos transmitindo, os ocupantes do Tabernáculo não precisavam esforçar-se para ouvir cada palavra. Desde há alguns anos, nosso mais leve sussurro é agarrado por dedos eletrônicos e literalmente arremessado ao redor da terra.

Hoje, milhares de pessoas podem abrir seus lares à imagem do Tabernáculo, sua música e seus oradores, simplesmente sintonizando o televisor. De maneira semelhante, um coração humano devidamente sintonizado pode receber o glorioso evangelho restaurado.

Sempre que contemplo a Praça do Templo regurgitante de santos e sei que existem outros milhares que gostariam de estar presentes, desejo que houvessem alguma forma de abrigá-los no Tabernáculo. Tôda a vez que vejo o Tabernáculo repleto, o que ocorre com freqüência, tenho uma reafirmação da fôrça da Igreja. É fato científico, e vocês o reconhecem, que se temos um corpo em movimento e aumenta-se a velocidade, o momento torna-se maior. Acrescentando-se pêso àquele corpo, êsse momento cresce mais ainda. Isto é o que está ocorrendo com a Igreja, um grande corpo de membros movendo-se com uma aceleração nunca antes verificada em nossa história. Não há nada que possa deter o progresso da verdade, exceto nossa própria fraqueza ou falência no cumprimento do dever.

O Tabernáculo — o Tabernáculo de Salt Lake! Não posso recordar de haver jamais pensado nêle como apenas um outro edifício de madeira e pedra. No lar de meus pais, na minha própria casa e nos círculos familiares de meus filhos o Tabernáculo sempre foi um amigo querido. Alegro-me de me reunir aos membros da Igreja e a todos os nossos amigos ao redor do mundo, desejando ao Tabernáculo, em seu centenário, prosseguimento em sua poderosa missão sôbre a terra.



A Construção do Tabernáculo

Stewart L. Grow

A conclusão do Grande Tabernáculo para a Conferência de outubro de 1867 causou ao mesmo tempo admiração e gratidão — admiração devido ao sucesso obtido na execução de um projeto arrojado e único; e gratidão porque o Tabernáculo proveria os santos com a primeira estrutura suficientemente grande para a realização de conferências. Por mais de trinta anos êles haviam sido obrigados a promover conferências ao ar livre ou em recintos repletos.

Foi durante a Conferência de abril de 1863 que o Presidente Daniel Hammer Wells, segundo conselheiro de Brigham Young encarregado de obras públicas, anunciou: "Neste mesmo lugar queremos erguer um tabernáculo para acomodar os santos em nossas conferências gerais, ... capaz de oferecer assentos para dez mil pessoas". (*Journal of Discourses*, Vol. 10, p. 139).

Mesmo os pioneiros, habituados aos grandes empreendimentos, devem ter ficado estarrecidos com o tamanho do tabernáculo proposto, cuja construção seria efetivada numa região ainda não servida por estrada de ferro e onde pregos, parafusos e outras trivilidades do setor da construção eram extremamente difíceis de se obter. Não obstante, em suas palavras o Presidente Wells não deixou lugar a hesitações ou dúvida; êle dividiu de imediato a cidade em distritos, para as contribuições de mão-de-obra e materiais. Em discursos sucessivos, o Presidente Heber C. Kimball, Elder Orson Hyde e o Presidente Brigham Young apoiaram também o projeto da construção de um tabernáculo.

Ràpidamente teve início a ação. No dia 18 de abril o agrimensor Jesse W. Fox achava-se no local da praça do templo pesquisando-o para o lançamento das fundações do tabernáculo. Em 3 de junho estas já se achavam pràticamente concluídas.

Apesar de o trabalho ter-se iniciado enèrgicamente em 1863, pouco mais se fêz naquele ano que executar os alicerces e iniciar a obra nos pilares de pedra, colunas que sustentariam a cobertura.

A pedra fundamental foi colocada em 26 de julho de 1864, mas o trabalho progrediu morosamente, confinando-se à conclusão das colunas. Maiores progressos não foram relatados até 1.o de setembro de 1865, quando Henry Grow tornou-se encarregado das obras e, juntamente com um pequeno grupo, iniciou a estrutura do teto.

Antes de filiar-se à Igreja, Henry Grow havia sido construtor de pontes na Pensilvânia. Quando entrou para ela e mudou-se para o oeste, obteve o direito de empregar o que descreve como Patente Remington de pontes em treliça. Foi o que utilizou com sucesso na execução de pontes sôbre os rios Weber e Jordão e por isso Brigham Young pediu-lhe para erigir o teto do Tabernáculo segundo a mesma técnica.

O projeto e execução dos arcos foi a operação mais difícil. Êles deviam cobrir um vão de 40 metros sem pilares de suporte, construídos pràticamente sem pregos e parafusos ou braçadeiras de aço. O projeto finalmente escolhido envolvia a moldagem de madeira para adaptar-se à curva do teto, segundo a técnica de treliças da Patente Remington. O vigamento foi interligado por artifícios engenhosos. Nos lugares em que diversas vigas se cruzavam, executava-se um furo atravessando-as completamente e inseria-se uma peça de madeira roliça no buraco, de forma que 7 a 10 cm da peça se projetassem para fora em cada extremidade do furo. Essas projeções eram então partidas, introduzindo-se firmemente dentro delas pedaços de madeira em forma de cunha. O efeito geral obtido era o mesmo que se tivesse aparafusado as vigas.

Sempre que a madeira rachava, era reforçada com tiras molhadas de couro cru. Como o couro cru encolhe ao secar, o processo resultou muito eficiente para o fortalecimento dos pontos fracos. (A estrutura é examinada periòdicamente e as peças reforçadas com couro cru encontram-se ainda em excelentes condições). Com êsse engenho foi possível construir-se os gigantescos arcos de cobertura pràticamente sem pregos e com poucos parafusos. Os arcos centrais foram executados em primeiro lugar: pouco após estarem assentados, iniciou-se o revestimento daquela parte do teto. Em 21 de junho de 1866 o *Deseret News* pôde reportar que "o revestimento da cobertura do nôvo Tabernáculo começava a rebrilhar aos raios do sol a pino". Depois de instalados os arcos centrais, o Presidente Young mandou que os da extremidade oeste fôssem os próximos a ser construídos, porque havia determinado que o órgão fôsse instalado ali.

Na conferência de abril de 1867 parecia provável

que o tabernáculo estivesse concluído para a próxima conferência. Isto naturalmente tornou-se o assunto favorito dos sermões.

Em suas palavras, o Presidente Young concitou os "possuidores de serrarias a trazerem material para a conclusão do Tabernáculo e os carpinteiros e auxiliares a se apresentarem para ajudarem a utilizá-lo", de forma que a estrutura pudesse estar concluída para a conferência de outubro seguinte, 1867. Naquela mesma conferência, Truman O. Angell foi novamente indicado como arquiteto da Igreja. Êle já ocupara anteriormente aquela posição, mas afastara-se por motivos de saúde. Agora, revigorado, retomava o cargo, voltando de imediato sua atenção para o projeto do interior do Tabernáculo.

A vigorosa solicitação do Presidente Young, em abril, resultou em grandes contribuições de trabalho e material. Estava-se alcançando tanto progresso que os jornais publicavam com freqüência artigos a respeito do andamento das obras.

No dia 3 de outubro o *Telegraph* reportou que "tôda a estrutura de apoio provisória havia sido retirada sem o menor acidente". Essa conquista representou muito mais que a simples conclusão bem sucedida de um projeto arriscado, pois havia muitos críticos que, durante a execução, tinham expressado dúvida de que o teto aguentasse quando os andaimes fossem retirados. Tais dúvidas pareciam justificadas em relação a um projeto de cobertura de tão grandes proporções, executado sem colunas de apoio e segundo o método ainda não aprovado, que envolvia um tratamento arquitetônico singular a imaginativo. Expressões como "Êle desabará matando-nos a todos" causaram muitos momentos de angústia a Henry Grow. Mas seu gênio e visão, juntamente com os de Brigham Young, ficaram provados — o teto aguentou! Sua resistência já persiste agora por um século de tormentas, tendo-se tornado protótipo de muitas construções modernas.

Enquanto se processava com sucesso a conclusão da cobertura, progressos rápidos também eram conseguidos no interior, segundo projetos de Truman O. Angell. Seu interessantíssimo diário registrava os eventos com minúcia. Nêle relata seus constantes entendimentos com o Presidente Brigham Young na elaboração dos detalhes do interior.

O entusiasmo da grande arrancada final a conclusão do Tabernáculo para a conferência de outubro culminou com um execelente artigo no *Salt Lake Telegraph*, de 6 de outubro de 1967. Citamos alguns excertos:

"O Irmão Henry Grow, projetista e construtor do Tabernáculo, forneceu-nos grande parte dêstes detalhes:

"A forma da estrutura foi projeto do Presidente Young, que determinou que na construção dêste enorme edifício fossem empregadas treliças.

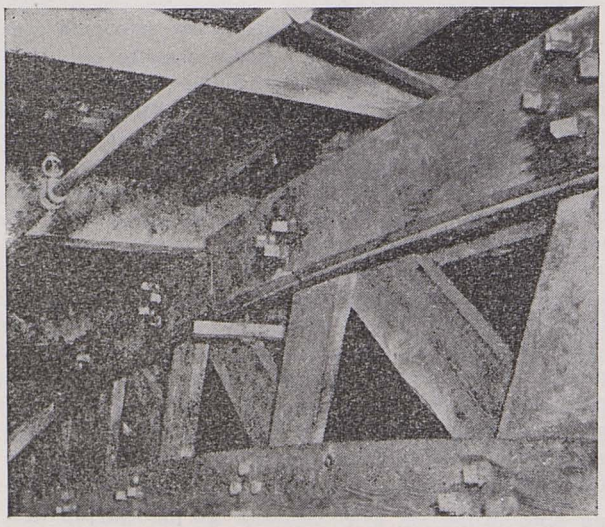
"As obras, de princípio ao fim, foram supervisionadas de perto pelo Presidente Young que, como em tôdas as outras coisas de caráter público, "interessou-se por tudo e todos", incentivando com sua confiança a quantos se empenhavam na obra.

"É uma estrutura majestosa, da qual os santos têm motivo de orgulhar-se e nós não fazemos mais que dar voz aos sentimentos de todo o povo, quando desejamos vida longa ao Presidente Young, para que de dentro dela possa continuar a instruir e dirigir Israel na consecução dos desígnios e propósitos do Altíssimo".

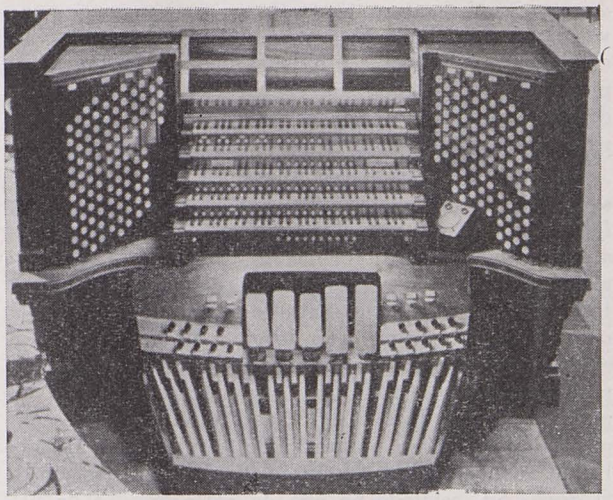
Quando o Tabernáculo foi utilizado pela primeira vez, não havia balcões em seu interior, de forma que a continuidade do grande dômo deve ter sido uma visão impressionante. A galeria, construída em 1870, apresentou três grandes vantagens: ampliou o número de assentos, aumentou a beleza do interior e aperfeiçoou grandemente a acústica. Na verdade, até que essa galeria fôsse construída, a acústica agora famosa do Tabernáculo era bastante deficiente, devido ao excesso de reverberação.

O Tabernáculo ficou então preparado para sua primeira conferência. No século que se seguiu, tem servido como um grande centro religioso e cultural, para os santos dos últimos dias e seus amigos. O amor e trabalho, o gênio e generosidade, o intelecto e a inspiração que os construtores do Tabernáculo aplicaram naquela obra extraordinária, a fim de concluí-la em 1867, merecem nossa admiração e aprêço em 1967.

Estrutura de treliças do teto do tabernáculo. As vigas são unidas por meio de cunhas de madeira.



Tiras de couro cru reforçam pontos fracos da madeira. As tiras foram postas molhadas porque encolhem ao secar.



Consola do Órgão do Tabernáculo.

O Órgão do Tabernáculo

Jay M. Todd

Milhões de pessoas vibram com os sons arrebatadores dêsse instrumento raro que tem alentado os santos dos últimos dias por um século. É apreciado não meramente pelo tamanho, apesar de seus 10.814 tubos fazerem dêle um dos maiores órgãos do mundo. Os santos dos últimos dias orgulham-se dêle pela sua capacidade de espicaçar a mente e o coração humanos.

Milhões de pessoas passam anualmente pela Praça do Templo, sentam-se nos seculares bancos de madeira que, embora isso seja ignorado pelos visitantes que são enlevados pelos recitais diários, aumentam a ressonância e a melodiosidade do órgão. Mal sabem os ouvintes que êsses sons são apenas pequena parte dos incontáveis bilhões de sons que o órgão é capaz de criar.

Segundo os peritos em órgãos, "se um menino começasse a tocar o órgão do Tabernáculo aos quatro anos de idade, executando-o oito horas por dia e alterando as combinações cada quinze minutos, até aos noventa e quatro anos, ainda não teria exaurido tôdas as combinações significativas possíveis".

Esta é uma das razões simples, mas importantes, pelas quais os organistas do Tabernáculo precisam dedicar-se todos os dias a procurar novas, estimulantes e inspiradoras melodias. Uma pessoa poderia ouvir o órgão tôda a sua vida e ainda perceber novos e arrebatadores sons recém descobertos pelo organista.

Quanto ao que dizem os maiores mestres do mundo a respeito dêle, sem contar os geniais e igualmente famosos homens que diàriamente o executam, são fatos registrados:

"É um instrumento glorioso, absolutamente soberbo". Marcel Dupré, mestre francês que já foi considerado o maior intérprete e professor de órgão.

"Mais do que uma orquestra, êste órgão é o mais extraordinário instrumento que se possa encontrar". Virgil Fox, conhecido organista.

"Nada há que se lhe compare". E. Power Biggs, concertista de órgão.

"Nada há que eu não possa executar aqui". Lois Miller, organista do instrumento de 33.000 tubos de Atlantic City, que afirmara dispor de apenas quinze minutos entre dois vôos, mas acabou permanecendo no órgão por duas horas.

Uma das maiores organistas do mundo, Wilma Jensen, executou o órgão por dez minutos, depois voltou-se para o seu recepcionista e disse: "Seria possível candidatar-me a organista aquí?"

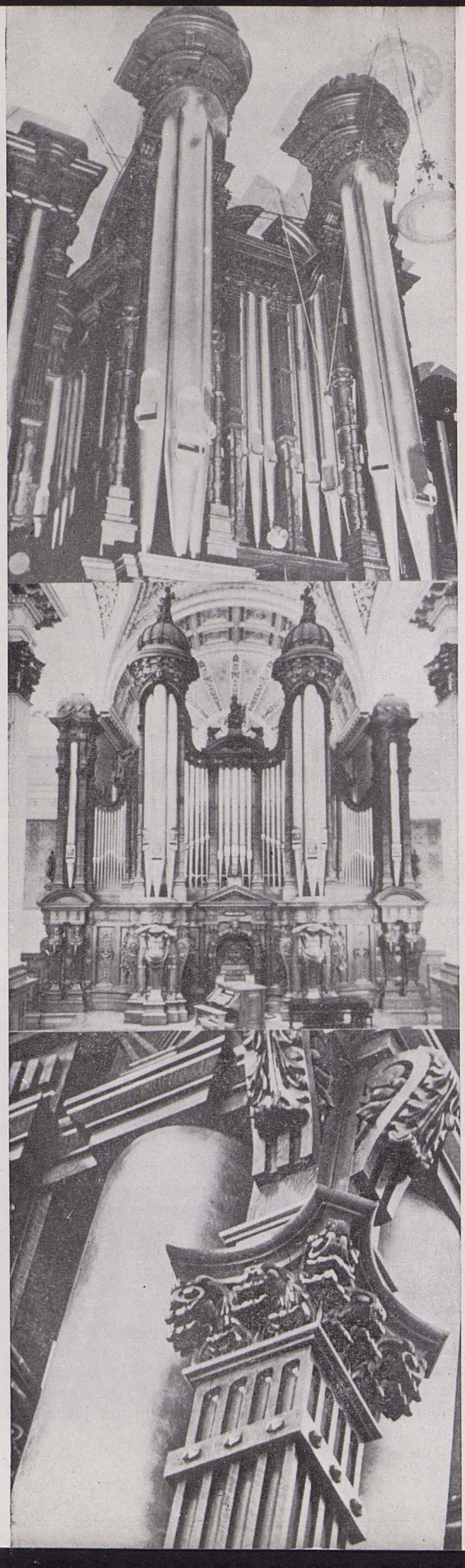
Existem cinco fatôres na excelência de um órgão", diz o perito Wayne Devereaux, que também é intérprete bem dotado. "Um, a qualidade dos componentes e sua construção; dois, a ressonância dos próprios tubos ou a forma de se cortar os lábios, entalhar os dentes, medir e instalar a franja da flauta; três, a variedade e complexidade das chaves, para possibilitar inumeráveis combinações sonoras; quatro, a ressonância e qualidade acústica do edifício em que está alojado; e, cinco, um organista competente para executá-lo".

Mas o órgão não foi sempre como é agora. Transformou-se imensamente — diversas vêzes — desde que seu hábil construtor, Joseph Harris Ridges, atirou-se à tarefa de criar o embrião dêste honorável instrumento. Analisar por completo sua existência, tão plena de ajudas providenciais e experiências curiosas, requereria um livro.

Nascido em 1827 nos arrabaldes de Southampton, Inglaterra, Joseph Ridges cedo determinou-se a conhecer todo o possível a respeito dos órgãos manufaturados pela firma que ficava logo do outro lado da rua, na frente de sua casa. Seu intenso interêsse pelo projeto, fabricação e feitura dos intrincados elementos, e pelos cálculos matemáticos para estabelecer-se as tonalidades musicais corretas, logo o tornaram um transtôrno na fábrica.

Na verdade, acompanhado de um amigo mais velho que trabalhava na fábrica, Joseph muitas vêzes ficava até tarde, e até mesmo atravessava a noite, executando e examinando vários órgãos. Muitas vêzes percorria a pé diversos quilômetros até uma igreja distante, para conversar com um organista a respeito de seu instrumento. Mais de uma vez ficou trancado em igrejas, enquanto examinava um órgão.

Mas aos 23 anos o interêsse de Joseph Ridges pelos instrumentos foi suplantado por um "forte ataque de febre de ouro" e êle navegou para Sydney, Austrália, em busca de fortuna. Mas, ao invés de encontrá-la, achou abrigo espiritual na amizade de um jovem con-



verso mórmon, Luke Syphus. Juntos Ridges e Syphus caminharam 640 km até o local onde Ridges decidira unir-se à Igreja, após sua espôsa Adelaide ser curada de uma enfermidade através da bênção do sacerdócio, pelas mãos do Irmão Syphus.

Joseph e sua espôsa retornaram a Sydney. Durante o dia êle trabalhava construindo armários e à noite fabricava um dos primeiros órgãos da Austrália, que atraiu grande atenção depois de concluído. Um dos visitantes foi o Élder Augustus Farnham, presidente da Igreja na Autrália, que sentiu-se inspirado a pedir-lhe que doasse o instrumento à Igreja. Ridges assentiu e, em 1855, êle e seu órgão foram embarcados num navio para San Pedro, Califórnia, seguindo em lombo de mula para Salt Lake City. (O episódio foi recentemente objeto de um programa de televisão nos Estados Unidos, denominado "Um órgão para Irmão Brigham"). O órgão foi instalado no alto da parte trazeira do primeiro tabernáculo, uma estrutura de tijolos próxima do atual edifício.

Enquanto o atual Tabernáculo achava-se em construção, havia-se feito planos para colocar nêle um órgão e Brigham Young aconselhou-se com o único construtor de órgãos existente — Joseph Ridges. Após passar projetando e reprojetando o órgão proposto, Ridges apresentou seus planos ao Presidente Young, que imediatamente os aprovou.

Durante os 12 anos seguintes Joseph Ridges dedicou-se à tarefa de criar um dos maiores órgãos do mundo. Dêsses longos 12 anos Graham McNamee, um anunciante radiofônico da década de 30, disse: "Foi um dos maiores feitos realizados por pioneiros americanos. Quando se considera que havia apenas um homem no trabalho que entendia algo a respeito do assunto, acrescido do fato de que os mórmons tiveram primeiro que fabricar os instrumentos com que trabalharam, a tarefa assume proporções extraordinárias".

Mas, com o andamento do trabalho, Joseph Ridges descobriu que certos materiais do leste do país eram necessários para se executar a obra a contento. Apenas foi possível levantar-se 900 dólares dos fundos da Igreja, mas isso bastou. Deixando o trabalho por diversos meses, viajou por diligência até Omaha, onde tomou o trem para Boston. Lá adquiriu cordas metálicas, fôlhas de bronze, couro delicado para as válvulas, marfim para as teclas e outros materiais.

Um mestre nas minúcias escondidas sob a caixa, Joseph Ridges talvez tenha sentido necessidade de idéias e auxílio para a execução do exterior do órgão. Poucas pessoas podem avaliar o planejamento que se faz necessário na obtenção das melhores condições acústicas e arquitetônicas possíveis para um órgão. Mas Joseph Ridges conhecia muito bem e aparentemente encontrou no órgão do Boston Music Hall aquilo que estivera procurando.

Enquanto estava em Boston, devido a seu interêsse por órgãos e desejo de ampliar seus conhecimentos técnicos, Joseph Ridges provàvelmente investigou e examinou instrumentos. O órgão mais famoso da época, contando então apenas dois anos e pouco de existência,

De cima para baixo: Detalhe do Órgão do Tabernáculo; o Órgão do Boston Music Hall; detalhe do entalhamento em madeira da decoração do Órgão do Tabernáculo.

era o do Boston Music Hall. Por duas décadas ainda êsse instrumento seria conhecido na América como "o grande órgão".

Comparando-se fotos do órgão do Tabernáculo com o de Boston, tem-se a impressão de que o segundo influenciou-o bastante. Quer Joseph Ridges tenha examinado aquêle instrumento pessoalmente, quer por desenhos ou fotos, parece que adaptou parte do projeto exterior e alguns detalhes internos ao órgão que estava construindo no Tabernáculo.

Êle não poderia ser influenciado por instrumento melhor. Durante três anos um representante da cidade de Boston havia estudado e analisado todos os órgãos famosos da Europa, conferenciando com o Dr. E. J. Hopkins, de Londres, e com Franz Liszt. Após o instrumento ser construído pela firma Walcker, de Ludwigsberg, Alemanha, e a caixa projetada por Hammat Billings ser adaptada por Herter Brother de Nova Iorque, a cidade de Boston ainda havia insistido em que uma comissão internacional de organistas, músicos e técnicos o examinasse, sugerindo aperfeiçoamentos, antes de ser embarcado para os Estados Unidos como o primeiro órgão de concertos da América.

Ridges regressou a Salt Lake City em 1866 e dedicou-se à quase inacreditável tarefa de orientar sòzinho a construção de um órgão que em breve suplantaria até mesmo "o grande órgão" em musicalidade.

Quando o Tabernáculo foi aberto, em 1867, o instrumento estava apenas um terço completo, mas, sem que o soubessem, os projetistas da estrutura haviam sido guiados a preparar um recinto cuja acústica era digna do órgão de Ridges. As características do edifício, quase que inteiramente de madeira, fazem com que êle ecoe os sons do órgão como um grande violoncelo. Mesmo o balcão flutuante, assim denominado por ser construído a uma boa distância das paredes, tem sua função, como os dentes na bôca, dando ressonância e articulação ao som.

Igualmente espantosa foi a insistência de Brigham Young em que o rebôco das paredes fôsse espêsso, criando asim um material com boas qualidades acústicas, capaz de refletir os sons. A princípio os trabalhadores não conseguiram fazer parar na cobertura o rebôco espêsso, mas um dado momento o encarregado disse: "Rapazes, vão lá fora pelar seus cavalos". Êles misturaram a crina com o rebôco e puderam revestir a estrutura com uma camada de 1,5 cm, firmemente aderida com pêlo de cavalo.

Em 1877 o órgão original de Ridges, com 2.638 tubos foi concluído. A caixa de madeira curiosamente trabalhada foi feita por Ralph Ramsey. Já por êsse tempo Ridges havia trocado seus quatro foles manuais por uma bomba a pistões movida a roda d'água, que utilizava parte do manancial do regato City, desviada para correr diretamente sob o órgão, vinda do norte.

Em 1885 partes do instrumento tiveram de ser re-

De cima para baixo: Alguns dos tubos do Órgão do Tabernáculo: O comprimento determina a altura do som as várias formas determinam diferentes sons; aqui por exemplo temos entre outros o baixo a flauta de concerto e o corno inglês; Alexandre Schreiner organista chefe; a face do Irmão Wayne E. Carroll reflete seu amor pelo instrumento ao afinar um dos tubos.

construídas e ampliadas; 16 anos mais tarde foi instalado um sistema completo de ação pneumática e acrescentados inúmeros tubos. Já em 1916 o órgão foi eletrificado, construindo-se as duas laterais de 4,6 m, que lhe deram o aspecto atual. Mais tubos foram adicionados em 1926 e 1940 e a seguir, em 1949, o órgão foi reconstruído por G. Donald Harrison. Os 10.814 tubos hoje existentes, distribuídos em 189 fileiras, ainda incluem mais de 200 da lavra de Ridges, inclusive os grandes tubos de madeira folheados a ouro, que têm a potência de fazer vibrar o Tabernáculo inteiro.

Milhões de pessoas já viram seus organistas, mas poucos conhecem o homem que impede que o instrumento desafine.

Os afinadores do órgão do Tabernáculo — curiosamente denominados "cinzeladores", porque seu instrumento essencial é um simples cinzel — limpam, afinam e fazem a conservação diária do órgão.

"Isto não é conhecido de um modo geral", disse o afinador Wayne Carroll, "mas a poeira ou uma mudança de temperatura podem alterar os sons dos tubos". O frio faz os carrilhões e palhetas ressoarem mais agudos; o calor fá-los tornar-se mais graves. As flautas não são instáveis, mas algumas das palhetas mais sensíveis precisam ser afinadas semanalmente. Em ritmo normal, leva-se meses para afinar todos os 10.814 tubos.

Pode-se ver diàriamente técnicos regulando a consola — aquela maravilha do gênio projetista. Não apenas requer-se técnicos consumados para projetá-la, mas também são necessários artistas para fazer música com ela. Assentando-se à consola do órgão do Tabernáculo fica-se estarrecido com a variedade de alternativas que se nos apresentam: cinco teclados, 89 chaves à direita, 97 à esquerda, 32 pedais, 76 combinações pré-estabelecidas e 27 combinações de pedal.

É fato que poucas pessoas no mundo têm a um tempo talento e treinamento para executar o órgão do Tabernáculo eficientemente. E é também registro histórico que desde o princípio o Senhor tem-lhe concedido os mais talentosos organistas do mundo. Mesmo antes de ter início a construção do Tabernáculo, Brigham Young havia encontrado seu organista. Certa noite, em 1862, o Presidente Young esteve presente a uma festa em honra a uma companhia de santos recém-chegados. Dirigia o canto um inglês, John Daynes, que era acompanhado num harmônio por seu filho de 11 anos, Joseph. Ouvindo o garôto tocar, Brigham disse: "Eis o nosso organista para o grande Tabernáculo". Quando o órgão australiano de Ridges foi instalado, o jovem tornou-se seu organista oficial. Mais tarde, ao ficar parcialmente concluído o instrumento do Tabernáculo, em 1867, Joseph Daynes, então com 16 anos de idade, foi apontado seu primeiro organista.

Além de executar o órgão, Daynes também afinava-o e efetuava trabalhos de conservação, e isto até se aposentar, em 1900. Diversas composições de sua lavra foram largamente executadas em seus dias. Muitos conservam-se populares até hoje, inclusive a melodia mais típica do órgão, "Qual Orvalho que Cintila", tema de encerramento das irradiações do Côro do Tabernáculo. Apenas um mês antes de afastar-se, o irmão Daynes inaugurou os famosos recitais diários de órgão, que detêm o invejável recorde da série de recitais com maior audiência total nos anais da música.

Contudo, o homem que tornou êsses recitais famosos e foi considerado por alguns "o maior organista do mundo" foi o sucessor de Daynes, John J. McClellan, afetuosamente denominado "o poderoso Mac". Natural de Payson, John Jasper McClellan demonstrou logo extraordinárias habilidades musicais e era organista em sua cidade aos 11 anos de idade. Enquanto estudante, em Ann Arbor, êle fundou a Orquestra Sinfônica da Universidade de Michigan e escreveu para alguns amigos católicos uma missa destinada a orquestra e côro. Estudou na Europa, sob a orientação dos maiores mestres, e voltou ao lar para ensinar música na Academia Brigham Young de Provo e posteriormente na Universiddae de Utah.

Morreu no auge de sua carreira, em 1925. Um ano antes de Alexander Schreiner e Frank W. Asper haverem sido nomeados organistas do Tabernáculo.

O irmão Asper, hoje organista emérito, amado e admirado por tantos quantos o conhecem, atingiu o recorde de haver apresentado bem mais de 10.000 recitais. Denominado por alguns o "poeta-organista", por sua habilidade de agradar a todos os gostos, o irmão Asper continua até hoje sua irradiação "Anoitecer de Domingo na Praça do Templo", à qual êle mesmo deu origem.

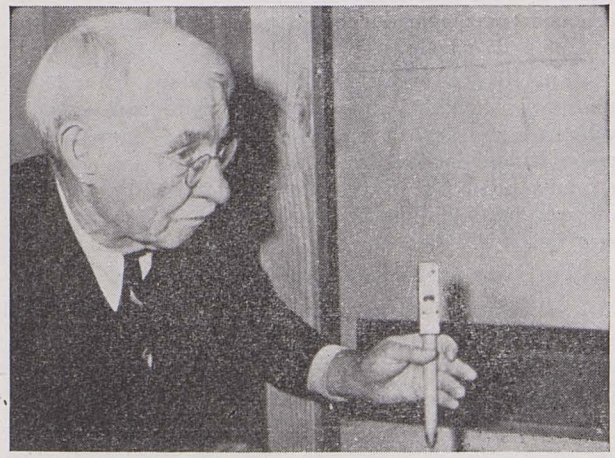
Universalmente aclamado um dos melhores mestres do instrumento é o atual organista chefe, Alexander Schreiner. Seu feitiço e gênio colocaram-no entre os maiores nomes do mundo da arte.

Críticos consagrados disseram a seu respeito: "Como mestre da execução com os pés não há quem se lhe compare". "Seu Bach é pura poesia". "Sua técnica é brilhante, mas seu gênio interpretativo é ainda maior". "Como acompanhante não tem igual".

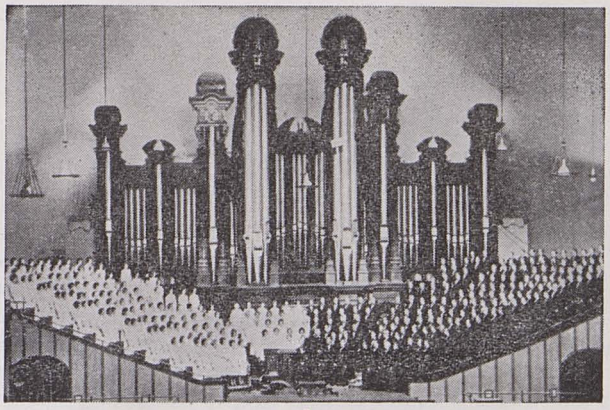
Seu recital radiofônico, "Alexander Schreiner ao Órgão do Tabernáculo" é ouvido nas noites de domingo em tôda a região ocidental do país.

Servindo como organistas do Tabernáculo, juntamente com o Irmão Schreiner, temos Roy M. Darley e Robert M. Cundick. O talento de todos êsses homens possibilitou ao instrumento contar com músicos do melhor calibre.

O mundo tem recebido verdadeira paz através dos sons inspiradores que dêle emanam. Nosso Pai tem estado verdadeiramente conosco.



Um dos menores tubos comparado a um dos maiores logo atrás.



O Côro do Tabernáculo

Mabel Jones Gabbott

A 27 de agôsto de 1847, apenas um mês e três dias após a chegada dos pioneiros ao vale, foi promovida uma conferência especial. "O Presidente Brigham Young a dirigiu", diz o *Journal History*"... e o côro cantou dois hinos".

Êles haviam trazido o canto! Da Inglaterra e do País de Gales, de Nauvoo e Winter Quarters, os pioneiros mórmons tinham vindo caminhando através de pradarias poeirentas, rios caudalosos, gargantas de montanhas, cantando "Tudo bem". Agora, o côro expressava em canção a gratidão de um povo por êste "lugar" no vale.

Robert Sands, um talentoso músico nascido na Irlanda, foi chamado para reger o côro em 1865. Os planos para o nôvo Tabernáculo estavam em estudo e êle visitou o arquiteto Truman Angell para sugerir algumas alterações na extremidade oeste do edifício, a fim de melhor acomodar o côro e seu regente. No dia 6 de outubro de 1867, durante a conferência semi-anual da Igreja no nôvo Tabernáculo, Robert Sands conduziu o Côro. Dentre muitos voluntários, 150 homens e mulheres foram escolhidos para cantar na grande ocasião.

Hoje, representando os dois milhões de membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 375 participantes do côro, abençoados com o dom da música, enviam ao mundo uma mensagem singular e premente em canção.

Os membros do côro procedem de todos os campos de ocupação. Há entre êles doutôres e estenógrafos, executivos e jovens estudantes, fazendeiros e bibliotecários. Alguns membros leais prestaram de vinte a quarenta anos de serviços. Outros permanecem por pouco tempo. Uma jovem senhora de Nova Jersey quis participar do côro como cantora visitante, durante seus três meses de férias. De Cleveland, Ohio, uma mocinha que tinha apenas seis meses de vida expressou um desejo — o de cantar com Côro do Tabernáculo Mórmon num ensaio. Foram feitos os arranjos e com grande emoção e gratidão ela cantou com o côro.

Como seus ancestrais pioneiros, os atuais membros do côro representam muitas terras e povos. Com esta herança de conhecimento e amor pela música de outras terras o côro vê aumentada sua fôrça. Quando visitou a Europa, em 1955, em cada país por que passava os membros cujos ancestrais eram provenientes daquela terra se erguiam diante da audiência.

Os participantes do Côro do Tabernáculo representam muitas facetas da intrincada vida moderna e muitas áreas de nossa Igreja mundial; mas, quando o regente ergue a batuta, êles se tornam uma só voz, a voz do Côro do Tabernáculo.

Cada regente deixou suas contribuições distintas e únicas para a eficiência do côro. Da mesma forma que os pioneiros, os regentes vieram a Sião com canções. George Careless, que sucedeu a Robert Sands, em 1869, veio para a América no navio *Hudson*, proveniente de Londres, Inglaterra. Ao descarregar a bagagem, o capitão do navio pediu ao Élder Careless que lhe desse uma de suas composições. "Sinto muito", disse êle, "mas tôdas as minhas músicas estão empacotadas". Ante a insistência do capitão de que devia haver pelo menos uma à mão, o Élder Careless sentou-se num barril de toucinho defumado, tomou um pedaço de papel comum no bolso e escreveu uma canção. Denominando-a "O Hudson", em homenagem ao navio, fêz presente dela ao capitão. Nós a entoamos hoje como um de nossos queridos hinos, "A alva rompe".

Quando o Élder Careless chegou a Salt Lake City, Brigham Young disse-lhe: "Tenho uma missão para você. Quero que assuma a regência do côro do Tabernáculo e lance os alicerces para a boa música". O Professor Careless era um verdadeiro mestre da música e sob sua calma e amável liderança o côro foi bem treinado e disciplinado.

Um dos grandes serviços prestados ao côro e à Igreja foi o carinho com que Ebnezer Beesley, regente de 1880 a 1889, coletou e compilou músicas de côro para uso geral na Igreja.

Evan Stephens foi nomeado regente em 1890 e por 26 anos os membros do côro e a Igreja sentiram sua vitalidade e inexaurível energia. O número de vozes foi ampliado para 300 e o coral obteve grande sucesso através de concertos e concursos.

No Professor Anthony C. Lund, regente do côro de 1916 a 1935, estavam combinados um extenso preparo musical e singular habilidade como professor. Talvez nesta sua qualidade de mestre repouse seu maior valor para os membros do côro.

Durante o seu período de serviço, a música do côro, através de ligação com a radiodifusão, alcançou mais pessoas do que nunca.

Em 1935, J. Spencer Cornwall foi escolhido como

"Entoai sagrado som

E buscai de Deus dom

Repousareis, Repousareis!"

regente do Côro do Tabernáculo. Além de excelentes qualidades de músico, Élder Cornwall possuía uma profunda espiritualidade e delicado senso de humor, que lhe valeram o amor e lealdade de todos os participantes.

Richard P. Condie, regente desde 1957, diz: "O côro é uma organização única, diferente da maioria dos grupos corais. Os membros têm um interêsse e propósito comum; é sua lealdade à Igreja e o grande desejo de levar nossa mensagem com a música e a palavra ao povo de todo o mundo. Tem sido meu propósito, no trabalho com o côro, fazê-los interpretar com maestria, verve e entusiasmo, a fim de transmitir uma mensagem, e conduzí-los para que possam dar vazão a suas potencialidades extraordinárias e únicas!"

Um grande côro e um grande regente necessitam grande música. Além da maestria com que o Côro do Tabernáculo interpreta a música dos grandes mestres, é extraordinária sua apresentação da música mórmon. "Vinde, ó Santos", de William Clayton, qua sustentou os pioneiros através das planícies, foi cantado para todos os grupos de santos que chegavam a Salt Lake e é muito querido dos membros da Igreja hoje. É um hino freqüentemente solicitado pelos ouvintes de tôdas as partes do mundo. "Ó meu Pai", de Eliza R. Snow, é também um favorito.

O côro deu ao mundo um século de música — clássicos favoritos, canções familiares e hinos queridos. Em 1875, George Careless conduziu-o em sua primeira apresentação do *Messias* de Handel, apresentando 200 vozes e uma orquestra. Em 1958, a gravação do *Messias* pelo côro, acompanhado da Orquestra de Filadélfia, dirigida por Eugene Ormandy, ganhou o disco de ouro.

As canções do côro são missionários que levam a mensagem da Igreja a todos os povos.

Em 1867 o Presidente Brigham Young disse: "Não poderemos pregar o evangelho a menos que tenhamos boa música. Aguardo pacientemente conclusão do órgão; então poderemos cantar o evangelho dentro dos corações das pessoas".

O ano de 1927 prometia um cumprimento espetacular destas palavras, quando o côro começou a experimentar a radiodifusão. O primeiro programa regular foi irradiado em 15 de julho de 1929.

Hoje, a irradiação semanal do Côro do Tabernáculo é o mais antigo programa de costa a costa no rádio americano.

Em junho de 1930 Richard L. Evans tornou-se anunciador da apresentação pelo rádio. Dois anos mais tarde, quando o Côro do Tabernáculo Mórmon de Salt Lake afiliou-se à CBS, Richard L. Evans, como anunciador, escritor e produtor, elaborou as diretrizes da atual apresentação semanal "Música e a Palavra Proferida". Todos os domingos Élder Evans volta a sua audiência radiofônica com uma palestra atual e muitas vêzes surpreendente sôbre um tópico vital à vida e ao viver.

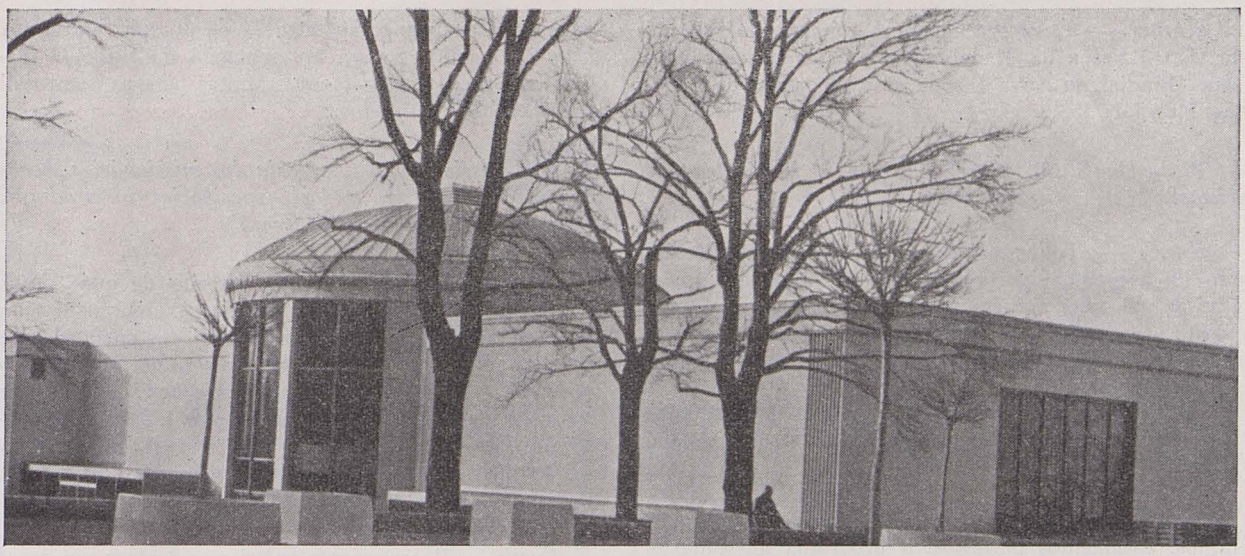
Essa afiliação radiofônica abriu novas perspectivas ao côro para prestar maior serviço à Igreja. Seguiram-se honras como o Prêmio Peabody para o programa de televisão *Que a Liberdade Ressoe;* a primeira transmissão intercontinental, via satélite Telstar, do Monumento Nacional de Monte Rushmore: "Imenso, Imenso Mundo"; e duas produções em Cinerama, bem como outros filmes. O Côro do Tabernáculo foi escolhido pelo Serviço de Informação dos Estados Unidos para ser apresentado em um documentário: "*Com o Som da Música*", que mereceu diversos prêmios internacionais.

Os numerosos álbuns por êle gravados merecem lugar permanente em muitas discotecas. Uma sua gravação "Hino de Batalha da República" — nosso *Já Refulge a Glória Eterna,* tornou-se um dos mais vendidos nos Estados Unidos, ganhando o cobiçado disco de ouro e o prêmio "Grammy".

Desde 1893 os concertos triunfantes do Côro do Tabernáculo têm coberto a maior parte dos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha e Europa. Viajando primeiramente a cavalo e por carroças, depois em trens especiais, o côro voa agora em jatos especialmente fretados. No dia 24 de março dêste ano, voou para Phoenix, Arizona, onde foi apresentado um concerto para dez estacas no nôvo Coliseu em Memória dos Veteranos, que tem assentos para acomodar 14.000 pessoas. Posteriormente, êste verão, irá a Montreal, no Canadá, participar da Feira Mundial que comemora o centésimo aniversário do Domínio do Canadá

Mas a maior alegria para os membros do côro é a participação nas conferências gerais da Igreja, no grande Tabernáculo, sabendo que miraculosamente sua mensagem de inspiração é transmitida através do ar para todos os povos de todo o mundo.

O Presidente do Côro Isaac M. Stewart, Richard L. Evans e o Regente do Côro, Richard P. Condie, recebem o Disco de Ouro de um representante da gravadora Columbia.



O nôvo Centro do Visitante erigido na Praça do Templo atenderá anunalmente mais de um milhão de turistas.

Turistas na Praça do Templo

Entrevista concedida por quatro guias turísticos

Mais de um milhão de turistas visitam anualmente a Praça do Templo. Durante o verão as excursões com guias começam às 6:30 da manhã, havendo excursões cada 20 minutos até às 8 horas da noite.

Aqui, o evangelho é ensinado através de músicas, quadros, e guias experimentados, a pessoas de várias partes do mundo. Cêrca de 200 guias de todos os ramos de ocupação doam diversas horas semanais para ensinar a êsses visitantes o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Quase todos já fizeram missão e estão muito ativos na Igreja.

Apresentamos a seguir uma entrevista com quatro guias, que nos falam a respeito dos turistas.

O Irmão Harris, promotor, o Irmão Curtis, homem de negócios, o Irmão Smith, do ramo de empréstimos e amortizações, e o Irmão Warner, diretor de uma agência de automóveis, apresentam um total combinado de 55 anos de experiência como guia.

P — *Que mais interessa aos turistas com relação a Praça do Templo?*

Warner — O templo e o Tabernáculo são as estruturas que já viram em fotografias e que os fascinam. Aqui, em um único quarteirão, encontram-se dois dos prédios mais reconhecíveis do mundo. Nossa arquitetura primitiva sòzinha tem sido um grande auxílio missionário para o evangelho. De fato, o grande arquiteto já falecido, Frank Lloyd Wright, afirmou que o Tabernáculo era um milagre da moderna arquitetura.

Smith — O nôvo Centro dos Visitantes é uma recordação duradoura para muitos turistas, porque nêle vêem a réplica do Cristo de Thorwaldsen, pinturas e murais retratando a vida de Cristo e assistem ao filme *O Homem em Busca da Felicidade.*

Harris — Fico sempre surprêso com o número de pessoas interessadas pelo órgão do Tabernáculo. Mesmo indivíduos com formação musical perguntam constantemente se é o maior e o melhor do mundo.

Smith — É extraordinário o número de turistas que ouvem regular ou ocasionalmente o Côro do Tabernáculo e o órgão. Muitos que se identificam orgulhosamente como de outra afiliação religiosa afirmam ouvir com regularidade as irradiações do Côro e sentem que Élder Richard L. Evans é o seu "pastor do ar".

P — *Você nota que muitos turistas tiveram contato prévio com a Igreja ou seus membros?*

Warner — Mais e mais pessoas que visitam a Praça do Templo já tiveram contato com a Igreja e seus membros .

Smith — A maioria dos vitisitantes americanos sabe que George Romney, ou Billy Casper, ou alguma outra pessoa proeminente é mórmon. Conhecem as figuras famosas e lembram-se do que leram nos jornais e revistas a respeito dos mórmons.

Warner — É surpreendente o número de turistas que vêm à Praça do Templo que também estiveram na Feira Mundial de Nova Iorque e se recordam do Pavilhão Mórmon.

P — *Quais são as perguntas mais freqüentes dos turistas?*

Harris — Todos os guias têm comentado a respeito do aumento significativo, nos últimos dois anos, de visitantes que realmente querem aprender coisas a respeito da Igreja. Desejam conhecer nossa doutrina, posição e crença a respeito de muitos assuntos.

Curtis — Noto um número constante de perguntas a respeito da relação entre a Igreja de Jesus Cristo e o Cristianismo.

Smith — Todos os guias são inquiridos sôbre os templos, casamentos plurais e o programa missionário. Os turistas desejam saber como se sustentam os missionários, quanto tempo pregam e o que fazem após as missões.

Curtis — Os turistas nos perguntam a respeito de nossa crença na natureza eterna da família.

Smith — Conheci há pouco um casal que acabava de ser selado no templo. Ela disse que quando tinha 14 anos de idade seus pais trouxeram-na à Praça do Templo e a única coisa de que se recorda é de ter ouvido falar em casamento eterno. Quando os missionários bateram à sua porta, pediu-lhes que lhe falassem do assunto. Tanto ela como o espôso entraram logo para a Igreja.

Harris — Muitos visitantes ficam profundamente fascinados pela organização da Igreja, que abrange tantos de seus membros. Um ministro ou membro leigo proeminente de alguma igreja logo pergunta como conseguimos manter tantas pessoas trabalhando juntas com tanto empenho por um período tão longo de suas vidas.

Curtis — Apesar de as perguntas revelarem interêsse, freqüentemente os que se comovem mais não as formulam. Há pouco tempo um rapaz alto juntou-se ao meu grupo, parecendo descontente todo o tempo. Concluída a visita, êle esperou que diversas pessoas falassem comigo e seguiu-me até meu carro. Eu vi então que êle estava comovido e conversamos um pouco mais a respeito do evangelho.

P — *Que passos inclui uma visita à Praça do Templo?*

Harris — O percurso de hoje é diferente do de antes, porque queremos chegar cedo ao Centro do Visitante. Principiamos no Monumento à Gaivota, onde discorremos sôbre a chegada dos pioneiros ao vale. A seguir passamos para o templo e analisamos os convênios eternos. Dali seguimos para o Tabernáculo e reproduzimos uma fita gravada do Côro. Nossa parada final é no Centro do Visitante, onde o programa se concentra em explicações sôbre a vida de Cristo e a restauração do evangelho, através de Joseph Smith. A visita é concluída com a apresentação do filme *O Homem em Busca da Felicidade.* Muitas pessoas saem dali com os olhos marejados.

P — *Assim como a maioria dos missionários, vocês naturalmente tiveram muitas experiências inspiradoras. Gostariam de relatar-nos alguma?*

Smith — Com o corrente conceito de que "Deus está morto" circulando pelo mundo, é uma inspiração ver o número de cabeças que acenam em concordância quando falamos a respeito da oração, no Monumento à Gaivota. Em todos os grupos há sempre muitos que sussurram ou meneiam afirmativamente a cabeça à menção do fato de que Deus é vivo e real, não morto. Êles se alegram de encontrar alguém com a coragem de dizer que Deus está vivo.

Curtis — Recentemente voltei a encontrar um casal que estivera em meu grupo de visita mais de um ano atrás. Ao passar por aqui êles não pretendiam ficar em Salt Lake City, mas sentiram algo que os impelia a parar e visitar a Praça do Templo. Eram bons cristãos e estavam enviando dízimos a um pastor radiofônico, porque acreditavam no princípio. Lembro-me de ter tido uma longa conversa com êles após visita e de ter dito: "O Senhor os trouxe aqui porque vocês vão unir-se à Igreja". Dentro de um ano foram batizados.

Harris — Tenho uma carta de uma mulher que passou pela Praça do Templo uma noite de verão e entrou para ver o filme ao ar livre que estava sendo exibido. Sua família estava para deixar a cidade na manhã seguinte, mas êles alteraram o programa e voltaram sete noites seguidas para ver o filme e ouvir as explicações que se seguiam. Voltaram para casa em Michigan, procuraram os missionários e logo entraram para a Igreja.

Warner — Há pouco tempo uma editôra de revista contou-me uma história fascinante a respeito de uma conhecida. Essa amiga havia encontrado missionários santos dos últimos dias na América do Sul e ficara convencida de que ensinavam a verdade, tanto que estava resolvida a afiliar-se à Igreja, apesar da oposição da família. Ela escreveu ao noivo, que se encontrava na Espanha por aquela época, explicando que, apesar de amá-lo profundamente, sentia que devia abraçar a nova fé. Ao mesmo tempo — quase no mesmo dia — seu noivo na Espanha escreveu-lhe, dizendo que esperava que ela compreendesse, mas havia encontrado alguns santos dos últimos dias e desejava entrar para a Igreja. A jovem editôra que me relatou esta história disse que desde essa experiência sentira um forte desejo de visitar a Praça do Templo e examinar a doutrina da Igreja.

Harris — Tocamos em algo muito importante. Pessoas de todo o mundo vêm à Praça do Templo — mas por razões que por vêzes nem elas próprias compreendem. É comum sentirem que um espírito que não podem entender as está dirigindo. Às vêzes, tiram o chapéu ao pisar o terreno.

Conto Folclórico do Vietnam

O MAIS NOTÁVEL GATO

relatado por
O. J. Robertson

Houve certa vez um mandarim que era dono de um gato de raça. O gato tinha pêlo macio e amarelo e olhos cinzentos buliçosos. Ambas as suas orelhas e a pontinha da cauda eram pintadas de preto.

O mandarim havia ensinado ao gato diversas gracinhas. Êle sabia segurar uma bola com as patas dianteiras, sentava-se, deitava-se, pulava e rolava ao comando do mandarim.

Certa manhã, enquanto os dois passeavam no jardim, o mandarim disse: "Um animal tão extraordinário merece nome adequado. Como poderei chamar êste meu amigo de estimação?"

Êle contemplou as flôres brilhantes do caminho. Olhou as pereiras vergadas ao pêso das frutas maduras. fitou a montanha distante e o céu azul no alto.

"*Céu*", sussurrou o mandarim. "Chamarei ao meu gato Céu!"

Naquela noite um amigo visitou o mandarim.

"Por que chama êste extraordinário gato de *Céu?*" perguntou o amigo. "Há algo maior que o céu... as nuvens o escondem dos nossos olhos?"

O mandarim concordou. "Tem razão, meu amigo", falou. "Dêste momento em diante chamarei meu extraordinário gato *Nuvem*".

Poucos dias mais tarde um outro mandarim seu amigo apareceu para uma visita durante a tarde. Ao ver o gato amarelo fazer seus truques, perguntou: "Por que chama a esta extraordinária criatura de *Nuvem?* Pense no vento que espalha as nuvens e empurra-as para a montanha. *Vento* não seria um nome melhor para êste gato?"

O dono do gato admitiu que o raciocínio de seu visitante era razoável. Portanto, trocou o nome de seu gato de *Nuvem* para *Vento.*

Aproximadamente uma semana mais tarde o prefeito da cidade passou pela casa do mandarim.

"Sentemo-nos no jardim", disse o mandarim. "Lá há sombra agradável".

"Miau", saudou-os o gato amarelo quando entraram no jardim.

"Venha aqui, *Vento*, mostre seus truques para o prefeito", disse o mandarim.

O Prefeito ficou assombrado com as artes do gato.

"Por que", perguntou êle, "deu a êste extraordinário gato o nome de *Vento?* Não é um nome adequado. Êle deveria chamar-se *Muro*, porque o muro detém o vento e não o deixa atravessar".

O Mandarim gostou da sugestão do prefeito. Daquele dia em diante, chamou a seu gato *Muro.*

Então um sábio viajante ouviu falar do extraordinário gato do mandarim e parou um dia para vê-lo.

"Realmente, é um animal extraordinário!" declarou. "Mas que nome inadequado lhe deu. Há algo de mais forte que o muro. O rato que cava nêle um buraco.

(Conclui na página 23)

Ilustrado por Ted Nagata

Lamentàvelmente, não tem havido controvérsia nem debate sôbre o Livro de Mórmon entre as pessoas qualificadas para empreender uma investigação comparativa, mas apenas um mudo acôrdo de ignorar.

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XIV — O Problema dos Três Documentos

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

A Bíblia, os Manuscritos e o Livro de Mórmon

Sempre que um documento importante do passado é descoberto, os estudiosos principiam imediatamente a compará-lo com todos os outros que possìvelmente possam ter qualquer ligação com êle. Isto não é feito necessàriamente no intuito de provar aquilo que se quer que seja verdade ou por "paralelomania"; é a única forma pela qual uma obra desconhecida pode receber classificação bibliográfica. "Dos mais diversos setores científicos", escreve Dupont-Sommer, sôbre os Pergaminhos do Mar Morto, "os estudos começam a se acumular e a convergir, aproximando-se cada vez mais da solução dos problemas comparativos".[1] Recentemente êsse mesmo autor chamou a atenção para um grande número de semelhanças entre a comunidade de Qumran e uma antiga sociedade religiosa descrita por certos comentadores no Alcorão. Se êsses paralelos são significativos ou não resta ainda verificar, mas o autor estava inteiramente dentro de seus direitos ao chamar a atenção para êles.[2] É também perfeitamente legítimo que êle assinale semelhanças entre o Livro de Mórmon e outros escritos religiosos: qualquer que possa ser a verdadeira explicação dessas semelhanças, nada será concluído a menos que essas comparações sejam efetivamente feitas.

É notório que os taxonomistas têm dificuldade de entrar em acôrdo e o que Yadin escreveu oito anos atrás ainda é válido: "Neste estágio de pesquisa, qualquer tentativa de se identificar a seita do Mar Morto com qualquer outra seita da época terá provàvelmente que se basear mais em suposições do que em fatos"; mas de um coisa podemos estar seguros — "os conceitos tradicionais devem estar preparados para reexame à luz do nôvo material oferecido pelos pergaminhos".[3] E um dêsses conceitos, de há muito aceito, porém nunca submetido a teste, é o status do Livro de Mórmon. "Os estudiosos podem discordar violentamente entre si quanto às interpretações apresentadas", escreve F.F. Bruce, "e engalfinhar-se em debate acirrado; conseguir-se-á muito mais progresso assim do que por um acôrdo mútuo de divergir".[4] Infelizmente não tem havido desacôrdo ou debate a respeito do Livro de Mórmon entre as pessoas qualificadas a efetuar uma investigação comparativa, mas apenas um acôrdo mútuo de ignorá-lo: o poder apotropaico de seu frontispício tem sido insuperável. Mas, considerando-se a extraordinária combinação de circunstâncias que foi necessária para levar os estudiosos de hoje a uma séria consideração de centenas de valiosos e negligenciados escritos apócrifos, a desatenção ao Livro de Mórmon não deve ser nenhuma surprêsa.

As persistentes negativas apenas chamaram a atenção para o fato de que interêsses velados influenciaram o estudo dos Manuscritos desde o princípio e que sua descoberta não foi saudada com brados de genuíno júbilo pelos eruditos cristãos e judeus. "É como ameaça potencial ao cristianismo, a suas afirmações e doutrinas, que os Manuscritos captaram a imaginação dos leigos e dos clérigos", escreveu K. Stendahl.[5] Não é surpreendente que os russos proclamassem sem demora "que as descobertas de Qumran provam conclusivamente que Jesus nunca viveu".[6] Mas é um tanto incômodo que, mesmo após os russos terem percebido seu êrro e mudado de posição, nossos intelectuais americanos ainda aceitem o veredito de Edmund Wilson "de que a ascensão do cristianismo deve, afinal, ser compreendida genèricamente como um simples episódio da história humana, ao invés de propagada como dogma e revelação divina".[7] Aquêle "afinal" denuncia claramente a defesa de uma noção preconcebida.

Na verdade, os novos achados documentais são um desastre para o cristianismo convencional, que, como salienta Stendahl, toma a posição do famoso herético Marcion: "Êle pretendia que o cristianismo fôsse uma nova religião, exatamente como nós. Apesar de o Nôvo Testamento ver em Jesus o cumprimento das profecias, nós queremos considerá-lo como o fundador de uma nova religião... Nosso padrão de raciocínio é o da ciência: Jesus é o inventor do cristianismo e a igreja, guardiã de sua patente e direitos autorais. No Nôvo Testamento, a preocupação principal é diametralmente oposta: tornar claro que tudo é "velho", de acôrdo com a expectativa dos profetas".[8] Se isto fôsse reconhecido, todo o estardalhaço e alarma a respeito da ameaça à "originalidade" de Cristo (especialmente entre os estudiosos católicos) teriam sido desnecessários. "Se Dupont-Sommer está certo em sua análise", escreveu R.

K. Harrison, que de um modo geral era de opinião que êle *estava* certo, "os próprios alicerces da fé cristã poderão ser abalados pela compreensão de que uma comunidade religiosa judaica pré-cristã, até aqui desconhecida, possuía crenças e práticas similares. Em vista disso, o cristianismo teria de abandonar sua pretensão de singularidade".[9]

Mas as Escrituras cristãs não fazem tais reivindicações de singularidade, como lembra Stendahl e os doutôres cristãos deveriam reconhecê-lo, já que, no dizer de Bruce, "sabe-se de há muito que é possível encontrar no Talmude algum paralelo para pràticamente todos os aspectos dos ensinamentos éticos de Jesus".[10] Os peritos têm conhecimento, há anos, de todos os tipos de paralelos, mas nunca fizeram "uma tentativa integral de atacar o problema básico do significado real dêsses paralelos, ao contrário, êles foram silenciosamente varridos debaixo do tapete, resultando daí, como salienta Stendahl, que o mundo cristão estava "mal preparado para receber as boas novas dos Manuscritos de Qumran". [11]

E é precisamente sôbre êsses pressupostos, em particular o da absoluta singularidade do Nôvo Testamento e do encerramento da Escritura aceita, que se baseou tôda a crítica ao Livro de Mórmon no passado. Assim sendo, as novas descobertas removem o fundamento de tôdas essas críticas.

Não se necessita debater as várias semelhanças entre o Nôvo Testamento e os Manuscritos do Mar Morto, cada uma das quais foi acaloradamente defendida por alguns peritos e combatida com o mesmo calor por outros. Elas incluem aspectos tais como a presença em ambas as comunidades — cristã e pré-cristã — de uma organização hierárquica incluindo um conselho de doze e sua presidência de três, a crença na revelação contínua e na liderança de homens proféticos inspirados, a noção da restauração do convênio aos eleitos de Israel, a doutrina dualista que considera o mundo como um lugar de provação no qual todos são confrontados com o bem e o mal e obrigados a tomar posição, ritos e ordenanças comuns, como o batismo e o sacramento, noções idênticas a respeito do Messias, emprêgo comum de expressões tais como referir-se à comunidade como "os pobres", uma forma peculiar e idêntica de interpretar as Escrituras.[12] Os pontos de divergência, por outro lado, são mais difíceis de se encontrar e mais simples de refutar, já que êles invariàvelmente se apoiam na interpretação individual dos eruditos sôbre o que seria o cristianismo; aspectos principais são as diferentes atitudes das duas sociedades com relação ao sacerdócio, o contraste entre o "batismo definitivo" dos cristãos e as abluções dos essenos, a divergência entre a conduta de João Batista e os sectários de Qumran, as diferentes atitudes para com os pecadores nas duas igrejas e, sobretudo, o conceito de que o Messias deveria vir a Qumran, enquanto que para os cristãos êle já havia chegado.[13] Essas objeções (que foram tôdas refutadas) apóiam-se na falácia básica de que se sabe tudo o que se deveria saber a respeito de ambas as sociedades, enquanto que o próprio propósito do estudo dos Manuscritos é descobrir mais a respeito de ambas. Mas, a despeito disso, a diferença não é exatamente a que seria de se esperar?

No livro de Mórmon temos uma piedosa igreja de expectativa ante vinda do Senhor e uma igreja cristã após sua vinda, e as diferenças entre as duas são muito semelhantes às que há entre as duas seitas do Velho Mundo. Por que não deveria o povo de Qumran pensar diferentemente a respeito do Messias? Para êles, na verdade, êle ainda estava para vir, enquanto que os cristãos necessàriamente o viam sob luz diferente.[14] O argumento principal dos que queriam negar qualquer semelhança significativa entre as duas igrejas é a de que os primeiros viviam em expectativa, enquanto que os últimos viviam no cumprimento dessa expectativa. Mas Stendahl demonstrou, detalhadamente, que os cristãos estavam, se possível, ainda *mais* absorvidos em expectativa que o próprio povo de Qumran; para êles o Messias havia vindo, na verdade, mas deveria voltar e as profecias da coligação e redenção final de Israel ainda esperavam cumprimento.[15]

De todos os estudiosos, nenhum está mais determinado a negar, ou pelo menos reduzir ou minizar qualquer conexão entre os Manuscritos e o Nôvo Testamento que A.R.C. Leaney. Entretanto, até mesmo êle admite que os cristãos emprestaram uma coisa importante diretamente de Qumran, que foi a sua exegese da Escritura, "a interpretação de eventos contemporâneos à luz da profecia, através de um método alegórico ou tipológico", um método que não deve ser confundido com os das escolas, mas peculiar a êsse povo apenas, "nascido do desejo de ver cumprida a profecia nos eventos contemporâneos".[16] Juntamente com isto está o emprêgo de "textos-prova" pelos quais todos os antigos profetas são citados para explicar uma doutrina ou situação atual — outro hábito peculiar: "É evidente que a comunidade Qumran utilizava muitos dos "textos-prova" das igrejas cristãs antes que os cristãos os empregassem".[17] Apesar disto não ser conhecido até a descoberta dos Manuscritos, temos no Livro de Mórmon o mais profundo emprêgo de "textos-prova" juntamente com "a interpretação de eventos contemporâneos à luz da profecia" — prática primeiramente mencionada por Nefi que, enquanto pregava a sua própria comunidade no deserto, "aplicava tôdas as Escrituras a nós, para nossa utilidade e instrução". (1 Nefi 19:23).

Quando mais não seja, os Manuscritos do Mar Morto, escancarando as portas para possibilidades que nenhum erudito havia sequer considerado até agora e removendo os clássicos obstáculos que sempre impediram o leigo de considerar o Livro de Mórmon com respeito — o mito de que as Escrituras como as temos hoje são completas e perfeitas para todos os tempos e que o mundo já conhece tudo o que é essencial a respeito do antigo povo de Deus — preparou ambiente para o mais sério e completo estudo do Livro de Mórmon de que êle já foi objeto até agora. Um sumário de alguns dos pontos importantes de concordância entre essa obra e os escritos do Mar Morto, como os temos anotado através dos anos, indicará que um vasto campo de estudo está-se abrindo.

Recapitulação

Já que é prática comum relacionar paralelos entre Qumran e êste ou aquêle livro ou sociedade e já que o significado dessa comparação é muito salientado pelo

seu efeito cumulativo, a lista apresentada a seguir dispensa qualquer apologia ou explicação.

(1) Em primeiro lugar, o relato do Livro de Mórmon se introduz com um grupo de separatistas piedosos partindo de Jerusalém em busca de refúgio no deserto da Judéia, na esperança de se estabelecer permanentemente num local onde pudessem viver a religião em sua pureza, livres da perseguição dos "judeus de Jerusalém". Já salientamos isto em *Lehi no Deserto*, antes da publicação de qualquer dos Manuscritos do Mar Morto. O paralelo dispensa comentários. (2) Essas pessoas, como as de Qumran, têm uma paixão por escrever e ler que parece indicar uma antiga tradição de família; guardam registro de tudo e (3) têm conhecimento de uma antiga tradição de selar e enterrar livros santos em épocas de perigo, para surgirem "em sua pureza" num período posterior. (4) Êles próprios aplicam-se à prática, chegando mesmo a empregar para seus registros mais valiosos fôlhas de cobre e ouro, nas quais gravam laboriosamente sua mensagem em forma comprimida e abreviada. (5) Ambos os grupos aplicam a si próprios tôda sas Escrituras de forma especial e são incansáveis na apresentação e comentários de "textos-prova". (6) As duas sociedades mantinham um conceito peculiar das Escrituras e da revelação como sendo "deslimitadas" e desconheciam qualquer cânon do Velho Testamento, mas aceitavam a Apócrifa como escritos inspirados.[18] Isto parece lugar comum hoje, mas devemos lembrar-nos de que uma tal atitude com relação às Escrituras era bastante avessa ao pensamento cristão e judaico convencional e a característica do Livro de Mórmon mais clamorosamente acusada e ridicularizada por mais de um século.

(7) Tanto no Livro de Mórmon quanto nos Manuscritos do Mar Morto — é muito patente o conceito peculiar e até agora pouco familiar de uma "igreja de expectativa". (8) As comunidades religiosas de ambos os hemisférios esforçavam-se por guardar a Lei de Moisés em tôda a sua perfeição e desgostavam dos "judeus de Jerusalém" que tinham na conta de insinceros para com o convênio por sua vaidade mundana. (9) Em ambos os casos, êles consideravam-se os verdadeiros eleitos de Deus, o verdadeiro Israel, escolhidos para preparar caminho para a vinda do Messias. (10) Especificamente, ambos acreditam ser Israel no deserto e conscienciosamente preservam o sistema de vida em acampamentos no deserto. (11) Ambos sofreram perseguição e esperavam sofrer mais, sendo repetidamente necessário buscar refúgio mudando-se de um lugar para outro. (12) As duas sociedades estão sob a liderança de homens inspirados (designados em ambas as tradições como "estrêlas") — profetas e mártires (13) cuja mensagem principal é a vinda do Messias e (14) cujas exortações versam sôbre "retidão" e arrependimento — Israel deve abandonar seus pecados e voltar ao convênio. (15) Em ambos os casos um sinal de retôrno ao convênio e pureza era o batismo na água.

(16) As duas sociedades eram encabeçadas por doze chefes, dentre os quais se escolhia uma presidência especial de três,[19] sendo (17) ambas organizadas em grupos de cinqüenta para efeito administrativo e de instrução, cada um sob a direção de um sacerdote,[20] (18) pois em ambas as sociedades o antigo sacerdócio era ainda respeitado e os líderes tinham que ser sacerdotes legítimos. (19) Tanto em uma com em outra sociedade o sacerdote principal ou líder de tôda a igreja viajava por entre as congregações, instruindo e exortando. (20) Ambas as sociedades eram secretas e exclusivas, mas admitiam afiliação de quem quer que, em Israel, procurasse viver o convênio em retidão.[21] (21) As duas sociedades observavam estritamente o Sábado, mas estabeleceram outro dia da semana para suas reuniões especiais. (22) Aquêles que se juntavam tanto a um como a outro grupo deviam partilhar seus bens terrenos com todos os membros e, (23) apesar de ambos os grupos serem hierárquica e estritamente autoritários, prevalecia um sentimento de perfeita igualdade.[22] (24) As pessoas devotavam a vida a atividades religiosas (estudo, pregação, debate, oração, cântico e composição de hinos) e ao labor físico, até os líderes trabalhando para seu sustento. (25) As sedes dessas duas sociedades parecem ter sido extraordinàriamente semelhantes: ambas em locais especialmente irrigados no deserto, abrigados por moitas de arvoredo. (26) Uma vez que a igreja de Alma partilhava tôdas as coisas, tinha provàvelmente refeições em comum, como os essenos. Quando Alma diz a seus seguidores: "Vinde a Mim e... comereis e bebereis do pão e da água da vida, livremente" (Alma 5:34), era puro sentido figurado que seus ouvintes compreendiam.

(27) Como observadores estritos da Lei de Moisés, ambos os grupos respeitavam o Templo e aguardavam sua perfeita restauração. Uma das primeiras coisas que a comunidade de Nefi fêz, quando se desligou, foi construir uma réplica do Templo. Tal idéia era considerada extremamente absurda pelos críticos, até a descoberta, no presente século, de outras colônias judaicas em terras distantes, que construíram exatamente essas réplicas do Templo. (28) Ambos os grupos, ao contrário dos judeus de Jerusalém, consideravam a Lei de Moisés apenas uma preparação, ainda que uma preparação indispensável, para a maior luz que haveria de vir. Essa lei "dirigia seus pensamentos para o futuro" para uma plena revelação da salvação.

(29) Doutrinàriamente, um ensinamento fundamental de ambas as sociedades era o conceito de um plano divino, elaborado nos céus por ocasião da fundação do mundo, pelo qual cada indivíduo possuía uma parcela ou "quinhão" no conhecimento e nos frutos dêsse plano. (30) Històricamente, êle é desdobrado de forma apocalíptica em uma série de dispensações, sendo cada visitação divina seguida pela apostasia e punição do povo e necessitando-se, assim, de posterior restauração do convênio. (31) Essa restauração é efetuada através de um remanescente justo — os poucos que permanecem fiéis em Israel e continuam a esperar pelo Messias e pelos sinais de sua vinda. (32) A série de visitações e "fins" será consumada com a destruição final dos iníquos pelo fogo, do qual os eleitos serão miraculosamente salvos.

NOTAS

1. Dupont-Sommer, *Nouveaux Apercus sur les Manuscrits de la Mer Morte* (Paris: A. Maisonneuve, 1953), pág. 200.
2. H. Nibley, em *Revue de Qumran*, 5 (1965), págs. 177-199.
3. Y. Yadin, *The Message of the Scrolls* (N. Y.: Simon

(Conclui na página 26)

Ja teve oportunidade de ouvir alguém narrar a história da Igreja e sentir que realmente você não se enquadrava "na cena?" Foi o problema que tivemos numa das nossas aulas na Escola Dominical. Em conseqüência, embarcamos numa viagem pela história, que resultou fascinante.

Algo maravilhoso ocorreu enquanto "vivíamos" essa história. Aprendemos muita coisa sôbre a forma pela qual o Senhor guia, persuade e encoraja seus filhos. Aprendemos muito sôbre nós mesmos. Nas páginas seguintes falaremos sôbre isso.

Nós e a História da Igreja

Ron Hales

"Algumas vêzes nos sentávamos em consêlho com o Presidente Brigham Young e nos maravilhávamos com o seu discernimento nos problemas das pessoas — seu desespêro pelas falhas mecânicas, a escassez de alimentos e roupas, as enfermidades, os pequenos grupos de infiéis que disseminavam dissenção. Muitos dêstes infiéis mudaram-se do nosso meio, mas outros problemas permaneceram para testar nossa fé continuamente".

"Ao circundamos o tôpo da colina e emergirmos através de um pequeno grupo de árvores, pudemos ver os índios lá embaixo queimando a preciosa erva da qual dependiam os nossos animais. O suprimento de forragem recolhido no último prado e cuidadosamente preservado em todo o espaço disponível no carroção estava quase esgotado. Isso, já havia ocorrido muitas vêzes anteriormente; mas, tal como antes, sabíamos que encontraríamos uma saída".

"Ao sermos compelidos pela turba às pequenas balsas já repletas de santos, éramos lançados à deriva na travessia do grande rio. Apertei contra mim o meu bebê ao dispararem contra nós o canhão alojado no templo, atingindo tão perto que fomos cobertos de água e lama pelo tiro. O Senhor nos havia dado outro profeta e fé para remar em busca da liberdade até a outra margem".

Assim falaram três pessoas da nossa ala a que conhecíamos muito bem. Mas graças à transformação operada pela eficiente maquilagem e à convicção pessoal, sentimo-nos como a entrevistar três membros de uma coluna de carroções pioneiros. O guia falou dos problemas de organização, dos índios, das trilhas, das decisões que contìnuamente tinham de ser tomadas. A mulher que falou usou como referência a sua genealogia pessoal: como o seu povo encontrou alívio nas danças e canções, como seu filho havia morrido na coluna de carroções, seus sentimentos ao voltar-se e contemplar o pequeno monte de pedras que marcava a sua sepultura. O "mais antigo nos conselhos da Igreja" falou dos problemas entre o povo. O resultado foi o estabelecimento de laços com o passado, e viemos a compreender que sem a fé, a esperança e a perseverança dos pioneiros, a longa jornada poderia ter terminado em Winter Quarters. Estarmos tão próximos a essas pessoas, ouvir os seus relatos em primeira mão resultou em que a maneira como resolveram os seus problemas começou a ser significativa para nós. Pela superação das vicissitudes, dos desapontamentos e dos reveses na nossa vida, não apenas ganhamos compreensão das dificuldades dos pioneiros como também aprendemos uma lição: O sucesso sòmente virá a nós, como veio a êles, através da fé, da esperança e da perseverança.

Você tem esperança e perseverança?

Para almejar fazer missão?

Para casar-se no templo?

Para servir ao Senhor?

Para procurar o melhor na vida?

Dizem os historiadores:

"...Quando tudo parecia perdido e os santos estavam a ponto de desistirem em desespêro, os céus se cobriram de gaivotas, que sobrevoaram os campos emitindo seus gritos plangentes... Devoravam e engoliam a praga, e então voavam para os regatos, bebiam e vomitavam, para novamente retornar à frente de batalha. Isto continuou por vários dias, até serem destruidos os gafanhotos, o povo deu graças pois isto foi para êles um milagre".
(Joseph Fielding Smith, *Essentials in Church History*, p. 468).

Aprendemos que:

Teria sido fácil para os pioneiros desistirem, achar que o Senhor os esquecera. Os desapontamentos da jornada haviam sido amargos, mas isto era pior. A primeira colheita real que teriam desde que arribaram no vale estava sendo devorada pela praga de gafanhotos.

Enquanto faziam tudo o que podiam, os pioneiros voltaram-se para o Senhor, sabendo que Êle os ajudaria. E os ajudou, porque tiveram *fé.*

Você tem fé?

Para tentar?

Para pagar o dízimo?

Para obedecer?

Para orar?

Para conhecer?

Para amar a Deus?

Na História da Igreja está registrado:

"Sei que o que eu disse é verdade mas vendo que estais decididos a prosseguir, irei convosco; ajudarei no que puder; trabalharei convosco, repousarei convosco, sofrerei convosco e, se necessário, morrerei convosco. Possa Deus em sua misericórdia nos abençoar e preservar".
(Conselho dado pelo Élder Leví Savage à companhia de carrinhos de mão, citado em *Essentials in Church History*, Joseph Fielding Smith, p. 487).

Nossa Classe Disse:

"Eu nunca o teria feito! Abandonar a maioria dos meus pertences e caminhar milhares de quilômetros empurrando e puxando carrinhos de mão..." Com todos os problemas externos: índios, estradas ruins ou faltantes, o tempo inclemente, longos e penosos dias; a parte mais difícil seria manter a coragem interior de prosseguir. Na verdade, o mesmo ocorre hoje. A única coisa que nos impede de fazer o que gostaríamos, de nos tornarmos o que desejaríamos ser, é nós mesmos!

Aquêles que agora possuem o que algum dia desejaram ter, o têm porque tiveram coragem. Êste é o mesmo atributo que os jovens da companhia de carrinhos de mão tiveram; jovens como você, exceto que você tem que edificar e usar a sua coragem num mundo que tem diferentes problemas e desafios.

Você tem coragem?

Para assumir a liderança?

Para arrostar o ridículo?

Para ser moralmente puro?

Para viver como o Senhor deseja?

Para ser honesto consigo mesmo?

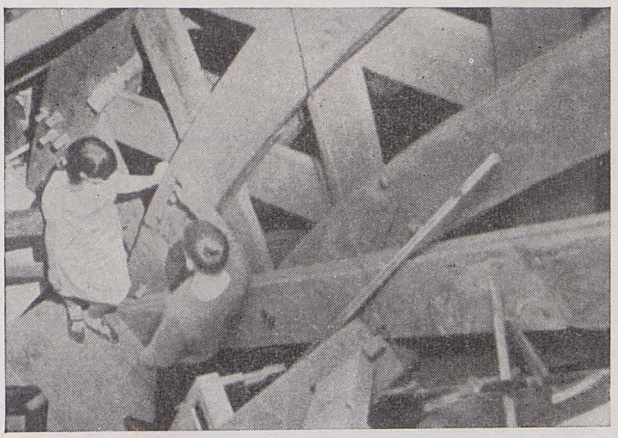
Para prestar o seu testemunho?

Para ser um bom filho ou filha?

Para Seguir com a multidão dos justos?

Para dizer não?

Para dizer sim?



O Que Nos Vem do Passado:

"A oeste do templo ergue-se o Tabernáculo Mórmon, um imenso auditório... O teto, maravilha da engenharia para a época em que foi concebido, é um vigamento de três metros de espessura ajustado por cunhas de madeira e tiras couro cru.

Quando o nôvo Tabenáculo estava sendo planejado, Brigham Young incumbiu Joseph Ridges de construir um órgão de qualidade e tamanho condizentes com a nova estrutura. Grandes troncos foram transportados por juntas de bois de uma distância de 560 quilômetros para a construção dos tubos... O instrumento tem sido reconstruído, ampliado e aperfeiçoado muitas vêzes em anos posteriores, até ser hoje reconhecido como um dos melhores do mundo".

(Sociedade Histórica do Estado de Utah, *The Valley of the Great Salt Lake*, pgs. 65-68).

Aplicação a Nós:

O que sucederia se não mais pudesse pensar por sí, isto é, se tivesse que aceitar tudo como agora se acha? As únicas coisas que poderia ler, ver, ouvir ou comer seriam aquelas já escritas, fotografadas, pintadas, gravadas, compostas e desenvolvidas. Seria um mundo bem aborrecido, não?

Em visita ao tabernáculo vemos muitos exemplos de como os pioneiros usaram a imaginação — lançando alicerceres, sustentndo o enorme vigamento durante a construção, usando cunhas de madeira e tiras de couro cru para prender as complexas juntas e corrigir defeitos na madeira, desviando o riacho City para debaixo do tabernáculo para virar o moinho que levaria ar aos altos tubos do órgão.

Num dêstes dias, a solução de um problema na sua vida poderá ser criativamente encontrada usando-se a mesma receita usada pelos jovens pioneiros, não apenas na construção do tabernáculo, mas também na edificação das suas vidas.

Você tem imaginação?

Para revelar seus talentos?
Para expressar sua vitalidade?
Para ser um bom amigo?

Desejado!

Uma das maiores alegrias da vida é ser desejado. Os sêres humanos têm na verdade quatro anseios:

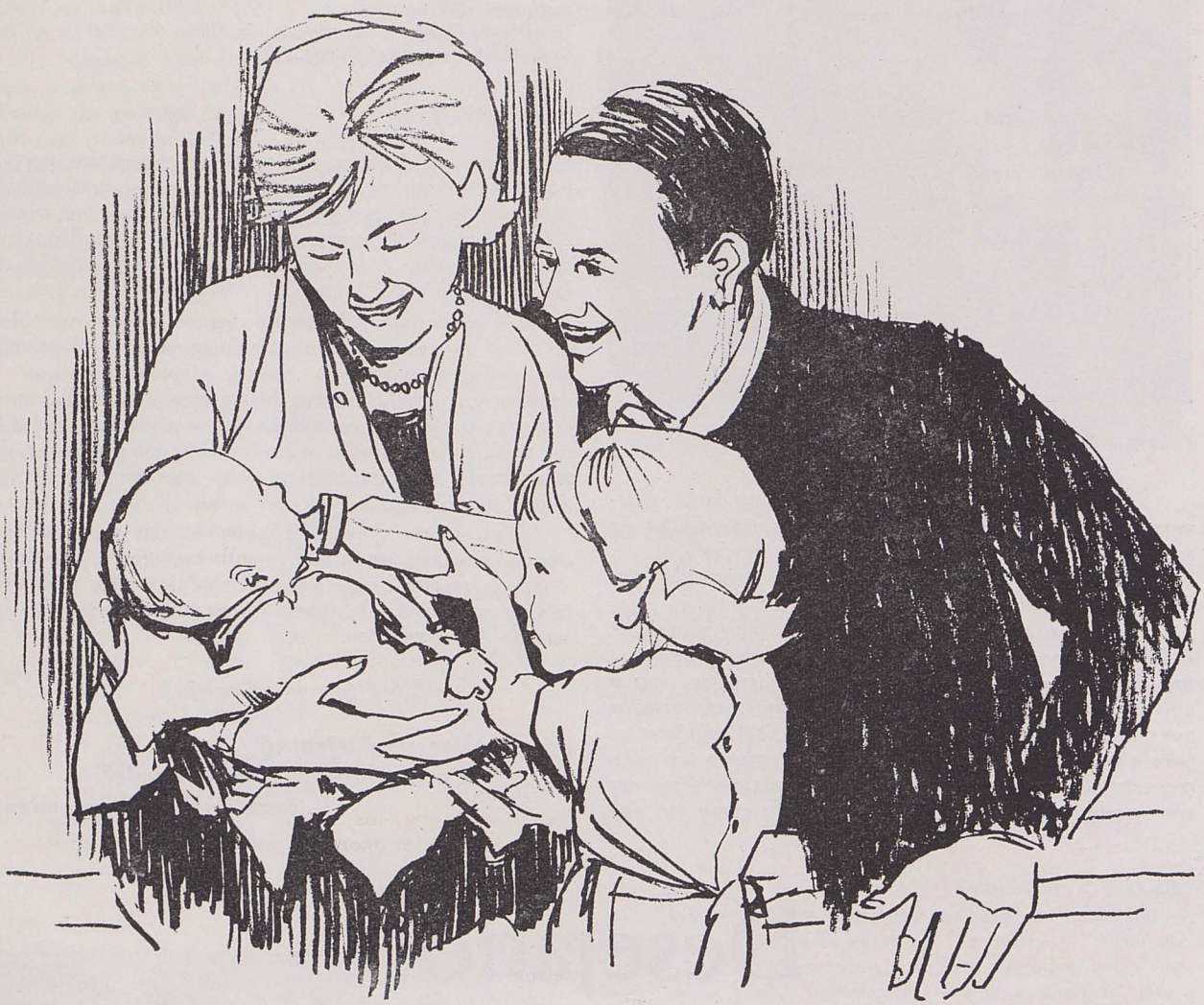
1. O anseio de ser desejado — de ser aceito pelo grupo.
2. O anseio de formar bom conceito de si próprio, de sentir-se importante, realizado.
3. O anseio de participar, fazer, criar.
4. O anseio de ter padrões pessoais, ideais em que se basear.

A AMM pode atender a tôdas essas necessidades individuais.

Após uma pessoa ser convertida, batizada, o que acontece? Ela precisa sentir-se bem-vinda em nossa Igreja. Deve integrar-se no grupo, participar dêle. Como se pode conseguir isto na AMM? Comece por conversar com o nôvo membro e convidá-lo amàvelmente a vir à AMM. Em muitas missões há o hábito de se designar um membro para entrar em contato com o converso e ser responsável por seu registro na AMM. Todo o mundo deve ter amigos na AMM; desta forma, terá gôsto em comparecer. Integre o nôvo converso no grupo dando-lhe algo que fazer. Indique-lhe um pequeno encargo na organização de uma atividade. Permita-lhe usufruir do companheirismo resultante do trabalho em grupo, seja encerando o piso do salão de dança, servindo comes e bebes, lavando pratos, preparando petiscos ou cantando num côro. Chame-o pelo nome, informe-se sôbre tudo o que puder a seu respeito, procure descobrir seus gostos, suas virtudes e fraquezas. Incentive-o, anime-o, bata-lhe nas costas com freqüência e elogie-o em público por tudo o que fizer. O agradecimento de público é importante neste trabalho de integração.

Tenha sempre uma pessoa jovial à porta da AMM para saudar calorosamente todos os membros e visitantes. Deve haver sempre um sentimento de calor e amizade na AMM. É uma reunião feliz, uma ocasião de progresso, de desenvolver amor um pelo outro e diversão em conjunto. Se um membro nôvo faltar a uma reunião, faça-o notar que sua ausência foi sentida. Converse com êle de forma natural após a reunião e da próxima vez passe em sua casa para trazê-lo.

Desejado? É lógico, na AMM!



Ninguém Está Só

O glorioso tema da eternidade da organização familiar é comoventemente tratado nesta quinta discussão sôbre genealogia

Freqüentemente, em nosso caminho pela vida nos defrontamos com problemas, frustrações, doenças e desânimo. Não é raro ter-se a sensação de que até o Senhor nos falhou, ou que nossas preces não estão sendo ouvidas nas côrtes do alto.

Enquanto o Profeta Joseph Smith estava prisioneiro nas mãos de homens iníquos e perversos em Liberty, Missouri, êle também, sem dúvida, sentiu esta mesma solidão e amargura espiritual. Das profundezas de sua alma brotaram as palavras encontradas na seção 121 de Doutrina e Convênios, a principiar do primeiro verso, "O Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo?" Então, no verso sexto, prossegue: "Lembra-Te dos teus santos que sofrem, ó nosso Deus; e os teus servos em teu nome se regozijarão para sempre.

Em resposta a esta invocação solene e fervorosa, o Senhor falou o seguinte: "Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão só por um momento. E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sôbre todos os teus adversários. Teus amigos te apóiam e outra vez te saudarão com corações cheios de amor e com mãos amigas". O Senhor continua então a admoestá-lo com respeito ao sentimento de solidão e sacrifício enquanto nesta vida, avisando-o prèviamente das tribulações, perigos e acusações que poderia sofrer. Depois disse ao Profeta: "...saibas meu filho que tôdas estas coisas te

Ainda não sabemos o que havemos de ser...

...Mas seremos semelhantes a Êle.

servirão de experiência e serão para o teu bem. O filho do Homem passou tudo isso. És tu mais do que Êle? Portanto, continua o teu caminho e o sacerdócio permanecerá contigo; pois os limites de teus inimigos estão marcados e não poderão passar". (D. & C. Seção 122:1-9).

Esta é uma das sensações mais reconfortantes que o evangelho restaurado pode trazer ao nosso entendimento. Não estamos sós. Somos literalmente filhos de Deus. Temos pai e mãe eternos que nos amam e anseiam para que retornemos a sua presença.

Nosso Pai Celeste tornou possível nossa vinda a êste mundo para que pudéssemos ser provados nesta esfera de ação. (PGV, Abraão 3:25-28).

Nós todos temos pais e avós porque penetramos neste mundo através dos instrumentos preparados por Deus. No plano de Deus todo o homem nascido neste mundo é parte de uma família. O Senhor enfatizou isto ao Profeta Joseph Smith quando disse: "E novamente em verdade Eu vos digo que todo aquêle que proíbe o casamento, não é ordenado de Deus, pois o casamento é instituído por Deus para os homens. Portanto, é legítimo que o homem tenha uma espôsa, e os dois serão uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação; E para que se encha com a medida do homem, de acôrdo com a sua criação já antes da formação do mundo". (D & C 49:15-17). Aqui está exposto em palavras inquestionáveis o fato de que todo homem pertence à família de Deus e é parte integral daquele grupo de espíritos masculinos e femininos designados para vir a êste mundo. O Presidente Brigham Young afirmou que recebera uma revelação a respeito do mesmo princípio. Por isso escreveu: "Certifique-se de concitar o povo a manter o Espírito do Senhor; e se o fizerem, encontrar-se-ão exatamente como quando foram organizados por nosso Pai Celestial, antes de virem a êste mundo. Deus formou a família humana, mas êles estão todos desorganizados e em grande confusão. (Presidente Brigham Young, 23 de fevereiro de 1847.

Repetimos que não estamos sós. Somos dependentes uns dos outros. Nascemos neste mundo dependentes de alguém que cuidasse de nós. Fomos criados, vestidos e alimentados por uma outra pessoa. Nosso Pai Celeste assim o designou desde o princípio. Somos dependentes de outra pessoa para obter salvação, como o Apóstolo Paulo escreveu aos santos coríntios: "Pois como todos morrem em Adão, da mesma forma serão vivificados em Cristo". (I Cor. 15:22). Ficamos desamparados, sem o poder de redimirmo-nos e salvarmo-nos, a menos que isso seja feito através do auxílio e amor do Senhor Jesus Cristo.

É verdade que a salvação, aquela salvação pregada pelos cristãos é uma questão pessoal. Isto é, vem a nós pela graça de Cristo. Êle redime a tôda a humanidade através de seu sacrifício expiatório, mas a exaltação, ou seja o retôrno à presença de nosso Deus para reinar e governar com Êle para sempre, é questão familiar. Isto é, depende de nossa obediência às leis de exaltação. Essas leis divinas pretendem uma reunião de tôdas as nossas conexões e aspirações terrestres, ao serem seladas sôbre nossas cabeças pelo poder do sacerdócio. (D & C 132:7). O Senhor falou: "Na glória celestial existem três céus ou graus; E para se obter o grau mais elevado, o homem precisa de entrar nesta ordem do sacerdócio (significando o nôvo convênio do casamento). E se não, não poderá obtê-lo". (D & C 131:1-3). Novamente é declarado que a mesma sociabilidade que existe entre nós aqui também persistirá lá se fôrmos fiéis e dedicados aos convênios e promessas que fazemos com o Senhor nesta vida. (D & C 130:2).

Ao se desvendar ante nós o significado das revelações divinas, fica evidente que somos dependentes de Deus, por nos ter dado a vida, mas somos também dependentes uns dos outros, para a determinação de nossa posição na morada eterna. Que faríamos, por exemplo, sem o sacerdócio de Deus. Nós individualmente não nos podemos batizar, nem administrar a nós mesmo ou abençoar-nos. E assim é com tôdas as ordenanças e princípios do Evangelho. Precisamos uns dos outros. Devemos amar-nos e servir-nos se quisermos alcançar a glória que Êle prometeu a seus filhos fiéis e obedientes. Êste é um dos propósitos vitais da admoestação aos santos de tôdas as partes a que participem das ordenanças do templo. Não apenas dependemos de nossos maridos, esposas, mães e filhos para obter a plenitude da glória, mas também precisamos ser selados numa corrente eterna de pais, mães e filhos, se quisermos obter "Aquela mesma sociabilidade que existe entre nós aqui" na glória eterna.

Testemunhamos a vocês nas palavras do Apóstolo João: "Amados, agora somos filhos de Deus e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando êle se manifestar, seremos semelhantes a êle; porque assim como é o veremos". (I João 3:2).

O Mais Notável dos... *(conclusão da página 15)*

Parece-me que êste seu gato deveria chamar-se *Rato*".

"Há muita sabedoria em seu raciocínio", declarou o mandarim. "Chamarei a meu gato *Rato*".

O jovem filho do jardineiro ouviu o mandarim chamar a seu gato *Rato*.

"Ó honorável", disse o pequeno. "Por que chamais a êsse excelente gato *Rato?* O rato é um animal fraco e tímido. Êle foge ao primeiro olhar de um gato. Por que não dar a êsse vosso bichinho de estimação um nome digno como *Gato?*

De repente o mandarim percebeu sua tolice. Êle dera ouvidos a outros, quando deveria ter pensado por si mesmo. Abaixou-se e apanhou o gato que se enroscara a seus pés.

"Pobre criatura", disse êle com brandura. "Como deve estar confuso por ter tido tantos nomes! Dar-lhe-ei o mais belo nome de todo o mundo para sua condição — *Gato*".

A Caridade e a Sociedade de Socorro

Marion G. Romney
do Conselho dos Doze

Discurso proferido na Reunião das Oficiais na Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro, em 28 de setembro de 1966

É para mim uma honra, minhas irmãs, ter sido convidado pela Irmã Sharp a dirigir-lhes a palavra nesta manhã.

Nos passados trinta anos a Sociedade de Socorro tem sido, e ainda é, o principal auxílio para os bispos na consecussão do Programa de Bem-Estar da Igreja. Entre outras coisas, a presidente da Sociedade de Socorro da ala é disignada para estudar, analizar e comunicar ao bispo as condições dos necessitados, preparar requisições aos armazens dos bispados e auxiliar na elaboração de previsões para necessidades futuras. As sócias da Sociedade de Socorro têm estado, e devem continuar a estar dispostas a trabalhar, por indicação do bispo, em costura, preservação de alimentos e outros projetos de produção para o Plano de Bem-Estar.

Por muitos anos a Sociedade de Socorro tem representado importante papel na colocação de pessoas em emprêgos, particularmente no tocante às mulheres e moças. Embora dentro dos atuais procedimentos das organizações de bem-estar a Sociedade de Socorro não seja solicitada a participar na procura de emprêgos e colocação na indústria, deve atuar no que respeita a emprêgos domésticos nos lares dos membros das alas, serviço que a Sociedade de Socorro está admiràvelmente bem postada para prestar.

Em suas visitas, as professôras visitantes têm oportunidade de, com sabedoria e tato, informarem-se das condições do lar. Precisam qualificar-se conscienciosamente mediante treinamento adequado para o desempenho dêste trabalho. Após as visitas, devem comunicar às suas presidentes todos os problemas que, segundo o seu parecer, exigem os serviços assistenciais do Plano de Bem-Estar ou da Sociedade de Socorro, inclusive a necessidade de empregadas domésticas e de emprêgos. Ocasionalmente, há emergências que justificam a ação imediata das próprias professôras visitantes ou da presidente da Sociedade de Socorro da ala. Em tais situações, não creio que devamos estar tão aferrados às normas burocráticas deixando morrer o paciente por falta da ajuda que poderíamos ter prestado enquanto saímos à procura do bispo. Recordo-me da história de uma criança que estava começando a ir à escola. Na hora do lanche ela virou um copo de leite. A professôra um tanto irritada falou: "Que faria sua mãe se estivesse aqui?" Ao que a criança respondeu: "Ela pegaria um pano e limparia; não ficaria parada aí à toa". Todos os serviços, entretanto, devem ser comunicados pela presidente da Sociedade de Socorro ao bispo até a próxima reunião do Comitê de Bem-estar da ala, realizada semanalmente ao início da reunião do comitê executivo do Sacerdócio.

Além dêsses serviços, que a Sociedade de Socorro deve estar pronta a fornecer, existem outros trabalhos caritativos que podem, por vêzes, ser solicitados pelo bispo ou mesmo designados pela própria organização. Por exemplo, prestar serviços domésticos em períodos de enfermidade, luto ou outras emergências; preparar ocasionalmente uma refeição para pessoas idosas ou acamadas; visitar ou, talvez, telefonar aos que estão sós em seus lares ou nos hospitais; e escrever cartas para os incapacitados. Uma lista de todos êsses serviços benevolentes pode ser extendida infindàvelmente sem esgotar os setores de atuação da Sociedade de Socorro e do Plano de Bem-Estar.

Já que a Sociedade de Socorro, conforme foi instruído pelo Profeta Joseph Smith, promove sua obra sob a orientação do Sacerdócio, pode ser bom mencionar aqui que bem no início desta dispensação o Senhor colocou a maior responsabilidade pelo cuidado dos pobres nas mãos da Igreja, através do bispo, que é o seu agente administrativo; e uma vez que a Sociedade de Socorro é a principal auxiliar do bispo, empregarei alguns minutos para citar as palavras do Senhor a respeito de sua responsabilidade no cuidado dos pobres. Já em 2 de janeiro de 1831, e isto apenas nove meses após a organização da Igreja, o Senhor disse numa grande revelação:

"...para vossa salvação vos dou um mandamento, pois ouvi as vossas orações, e os pobres se queixaram perante Mim, e aos ricos fiz Eu, e tôda a carne é minha, e não faço exceção de pessoas.

"...para vossa salvação vos dou um mandamento, pois

"...E que todo o homem estime a seu irmão como a si mesmo, e pratique a virtude e santidade diante de mim.

"E novamente vos digo, que todo o homem estime a seu irmão como a si mesmo". (D&C 38: 16, 22, 24-25).

E então, numa sugestiva parábola, o Senhor indicou o que queria dizer com a frase "que cada um estime a seu irmão como a si mesmo". Êle disse:

"Pois qual é o homem entre vós que, tendo doze filhos que o servem obedientemente, e não estimando a um mais que a outro, a um diria: veste-te em hábito e senta-te aqui; e ao outro: veste-te em trapos e senta-te acolá — e olhando a seus filhos diria — sou justo?

"Eis que isto vos dei como parábola, e é como sou. Eu vos digo: sêde um; e se vós não sois um, não sois meus. (D & C 38: 26-27).

A seguir, deu instruções à Igreja quanto ao que fazer nesse particular. E disse:

"E agora dou à igreja, nestes arredores, um mandamento: que certos homens sejam encarregados, e o sejam pela voz da igreja;

"E êles cuidarão dos pobres e aflitos, e lhes ministrarão auxílio, para que não sofram... (D&C 38:34-35).

Cinco semanas mais tarde, na revelação designada em seu texto como a lei da Igreja, o Senhor disse:

"Se tu me amas, me servirás e guardarás todos os meus mandamentos.

"E eis que tu te lembrarás dos pobres...

"E se repartes com os pobres as tuas posses materiais, a Mim o fazes; e elas serão postas diante do bispo da minha igreja e seus conselheiros... (D&C 42: 29-31).

E então, algum tempo mais tarde, no mesmo mês, o Senhor ordenou:

"Eis que vos digo que deveis visitar os pobres e necessitados e administrar-lhes alívio... (D&C 44:6).

Tôdas essas revelações vieram em janeiro e fevereiro de 1831, mas a que mais me comove neste particular é a que foi dada ao Profeta Joseph Smith em junho daquele ano. Nessa revelação, o Senhor mandou que vinte e oito élderes viajassem, de dois em dois, indo de Kirtland ao Condado de Jackson, Missouri. Êles deviam seguir por rotas diferentes, pregando o evangelho em seu caminho. As irmãs se recordarão que êles estavam muito sem recursos naquela época; e deviam viajar —em parte a pé — através de uma região primitiva. Joseph Smith e seus companheiros imediatos "viajaram por carroções e carruagens e ocasionalmente por barcaças, para Cincinnati, Ohio", e a seguir "para Louisville, Kentucky", e "St. Louis, por vapor". "Dessa cidade, no Mississipi, o Profeta caminhou através de todo o estado de Missouri, até Independence, no Condado de Jackson, numa distância de aproximadamente 480 km. ..." (CANNON, GEORGE Q., *Life of Joseph Smith the Prophet*, Edição de 1958, página 117).

Mencionei êsses fatos para que as irmãs compreendessem os antecedentes em relação aos quais o Senhor falou a êsses homens ao partirem:

"...e em tôdas as coisas lembrai-vos dos pobres e necessitados, dos doentes e aflitos, pois aquêle que não faz essas coisas não é meu discípulo". (D&C 52:40).

Esta declaração feita, em tais circunstâncias, não apenas impressionou os irmãos, com relação à grande importância do cuidado dos pobres, mas parece, pelo que o Profeta disse posteriormente a respeito dos serviços caritativos das irmãs, ter tido um efeito notável sôbre elas também.

Após essas revelações, a obrigação primária do cuidado dos pobres da Igreja repousou, como repousa até hoje, sôbre o bispo. Desde 1842, entretanto, quando o Profeta Joseph organizou a Sociedade de Socorro, as irmãs foram chamadas a auxiliar.

Ao procurar o conceito correto da responsabilidade da Sociedade de Socorro no bem-estar da Igreja e nos serviços caritativos, revi comentários do Profeta Joseph Smith e palavras dirigidas à Sociedade de Socorro em sua infância. Retratam gràficamente seus pontos de vista a respeito dessas questões, os quais, na minha opinião, devem continuar a orientar as irmãs. Espero que as irmãs meditem bastante e consigam apreender seu ponto de vista a respeito desta organização. Em 17 de fevereiro de 1842 o Profeta escreveu em seu diário:

"Auxiliei na formação da "Sociedade Feminina de Socorro de Nauvoo".

Uma semana mais tarde, na quinta-feira seguinte, êle registrou em seu diário:

"Compareci, por solicitação, à Sociedade Feminina de Socorro, cujo objetivo é o cuidado do pobre, do destituído, da viúva e do órfão, e o exercício de todos os propósitos benevolentes".

"Benevolente" é definido em meu dicionário como "disposto a promover a prosperidade e a felicidade de outros; amável; caridoso". Prosseguindo com os escritos do Profeta:

"Houve uma freqüência bastante numerosa... de algumas das nossas mais inteligentes caridosas, humanas e respeitáveis senhoras; e estamos bastante seguros, através do conhecimento dêsses puros princípios de benevolência que fluem espontâneamente dos seus corações humanos e caridosos, que com os recursos que tiverem disponíveis apressar-se-ão a atender ao forasteiro; derramarão óleo e vinho nos corações feridos dos que sofrem aflições; secarão as lágrimas do órfão e farão alegrar-se o coração da viúva. (DHC. IV. págs. 552, 567).

Aqui nestas tremendas afirmativas do Profeta, vemos mencionadas alguns setores específicos em que a Sociedade de Socorro pode servir sem ter de esperar pela designação especial do bispo. E então o Profeta continua:

"Nossas mulheres destacaram-se sempre por seus atos de benevolência e bondade; mas o tratamento cruel que receberam dos bárbaros de Missouri as tem inibido de estender a mão caridosa de forma aberta; entretanto, ainda em meio às perseguições, quando o pão é roubado a sua prole indefesa pelo cruel opressor, elas têm estado prontas a abrir suas portas ao forasteiro cansado, a dividir seu parco alimento com o faminto e seu desfalcado guarda-roupa com os mais necessitados e pobres; e agora que estão vivendo sôbre um solo generoso e entre povo menos rude, e dispõem de facilidades que não tinham gozado até agora, estamos convencidos de que através de seus esforços concentrados, as vicissitudes dos pobres, órfãos e forasteiros serão amenizadas". (DHC. IV, pp. 567-568).

Falando à Sociedade de Socorro novamente na quinta-feira, 28 de abril daquele mesmo ano (cinco semanas após organizada), o Profeta disse, conforme registrou Eliza R. Snow:

"Esta é uma sociedade beneficente condizente com vossa vocação; é natural que as mulheres sejam caridosas e benevolentes. Estais agora colocadas em situação de poder agir de acôrdo com os sentimentos que Deus plantou em seus corações.

"Se viverem de conformidade com êstes princípios, que grande e glorioso será seu galardão no reino celestial! Se fizerem por merecer seus privilégios, os anjos não poderão ser impedidos de se associarem a vocês...

"Se esta Sociedade atentar para os conselhos do Altíssimo, através da liderança da Igreja, terá poder sôbre as rainhas em seu meio". (DHC IV, p. 605).

"Vocês receberão orientação" — e isto ainda vem do Profeta:

"Recebereis orientação através da ordem do Sacerdócio que Deus estabeleceu, por intermédio dos que foram apontados para liderar, guiar e dirigir as questões da Igreja nesta dispensação; e eu agora giro a chave em vosso favor, em nome do Senhor, e esta Sociedade se rejubilará, e conhecimento e inteligência fluirão daqui por diante; êste é o princípio de melhores dias para o pobre e o necessitado, que se rejubilarão e derramarão bênçãos sôbre vossas cabeças..." (DHC IV, p. 607).

E então falou algo a respeito de trabalhar junto ao lar, enquanto seu conhecimento poderia estender-se a todo o mundo.

"Que vossos trabalhos sejam essencialmente confinados aos que vos cercam, no círculo dos vossos próprios conhecidos. No que diz respeito ao conhecimento, poderá estender-se a todo o mundo; mas vossa administração deve se confinar ao círculos dos vossos amigos mais chegados, de forma especial os membros da Sociedade de Socorro". (DHC IV, p. 607).

As atas da organização da Sociedade de Socorro a 9 de junho de 1842 citam as seguintes palavras do Profeta:

"A melhor forma ou medida para levar o pobre ao arrependimento é atender as suas necessidades. As senhoras da Sociedade de Socorro não sòmente devem socorrer ao pobre, mas salvar sua alma". (DHC V, pp. 24-25).

Os registros nos mostram os antecedentes e revelam a importância do objetivo da Sociedade de Socorro, que é nas palavras do Profeta Joseph o atendimento dos pobres, sem recursos, das viúvas, órfãos e para o exercício de todos os propósitos benevolentes".

Os métodos da Igreja para o Plano de Bem-estar têm variado através dos anos, entretanto, desde que a Sociedade de Socorro foi organizada tem participado de tôdas as suas fases e as irmãs sempre tiveram incumbências. Elas nunca falharam e têm todos os motivos para orgulhar-se de seus registros. Tenho fé e convicção de que não falharão agora nem no futuro e creio que nos dias vindouros terão oportunidade de prestar serviços ainda maiores.

Além de auxiliar o bispo no Plano de Bem-estar, e sem chocar-se com as prerrogativas que êle tem, as sócias da Sociedade de Socorro devem estar alertas para o aparecimento de ocasiões que requeiram atos de benevolência, numa base de vizinho para vizinho. Muitos são os pobres, sem recursos, viúvas, órfãos e forasteiros cujas lágrimas deverão ser secadas e cujos corações se rejubilarão com seu auxílio, derramando-lhes na alma ferida o bálsamo da caridade divina e da benevolência.

Citarei algumas considerações feitas por um amigo meu que contribui com uma real mensagem para êste tema:

"...Apesar de os mórmons serem excelentes cidadãos (êste é um não-membro escrevendo a um bom membro da Igreja) e terem criado uma sociedade na qual todos em Utah apreciam viver, não dão a impressão de ser vizinhos amistosos para os recém-chegados. Nas quatro vêzes em que já me mudei em Utah, nunca fui visitado por um vizinho próximo que fôsse mórmon...

"Almocei com um homem de negócios que acabava de mudar para cá, vindo de Denver... Êle achava que ia gostar daqui, mas sua espôsa está muito só. Êles estão numa zona residencial, aparentemente constituída em sua totalidade por mórmons, e nem uma só vizinha procurou-a.

"Estou certo de que os recém-chegados aprenderiam a apreciar melhor a amizade e tolerância básicas do povo mórmon se fôsse sua prática habitual receber bem os recém-chegados — a despeito de sua religião — não como proselitistas, mas como vizinhos que vivem em harmonia..."

É de primordial importância que façamos caridade com o espírito adequado. Há no mundo, hoje, um conceito enganador que leva os homens a pensarem que podem descarregar obrigações impostas por Deus, mas não podemos fazê-lo. Quando a caridade não é voluntária, nem o doador nem o suposto beneficiado gozam do espírito do Senhor. Atos de benevolência devem ser feitos naquele espírito de caridade que é o "puro amor de Cristo", para se enquadrarem nos moldes da Sociedade de Socorro.

Mórmon diz que se alguém...

"...oferece uma prenda ou uma oração a Deus e esta não é feita com tôda a fé, nada aproveita.

"Porque não lhe é contada para justiça.

"Pois eis que, se um homem mau oferecer uma prenda, êle o faz de má vontade; portanto, será considerado como se não tivesse dado a prenda; portanto, é mal visto perante Deus". (Moroni 7:6-8).

As palavras do Profeta à Sociedade de Socorro, a 30 de março de 1842, foram registradas como segue:

"...os santos devem ser um povo seleto, afastado de todos os males do mundo — puro, virtuoso e santo. O Senhor (disse êle) irá fazer da Igreja de Jesus Cristo um reino de Sacerdotes, um povo santo, uma geração escolhida, como nos dias de Enoque..." (DHC IV, página 570).

O fato de que o Profeta disse essas palavras à Sociedade de Socorro persuade-me de que esperava delas, na execução de seus "propósitos benevolentes", que fôssem, assim como o evangelho em seu campo, "...uma luz para o mundo" (D&C 45:9). Eu lanço hoje um repto a vocês, amadas irmãs, nas palavras da escritura:

"...Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja um estandarte para as nações..." (D&C 11:5).

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Partir de... *(Conclusão da página 18)*

& Schuster, 1957) pág. 188.

4. F. F. Bruce, *Second Thoughts on the Sea Scrolls* (Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1961), pág. 141.

5. K. Stendahl, *The Scrolls and the New Testament* N. Y.: Harpers, 1957), pág. 1.

6. Bruce, op. cit., pág. 138.

7. Edmund Wilson, *The Scrolls from the Dead Sea* (N. Y.: Oxford University Press, 1955), pág. 108.

8. Stendahl ,op. cit., pág. 6.

9. R. K. Harrison, *The Dead Sea Scrolls, an Introduction* (Harper Torchbook, 1961) pág. 102.

10. Bruce, op. cit., pág. 144.

11. Stendahl, op. cit., pág. 2.

12. A maioria das obras populares a respeito dos Manuscritos, inclusive tôdas as mencionadas nestas notas, contêm um capítulo sôbre os Manuscritos e o Nôvo Testamento. O livro de Stendahl é inteiramente devotado ao assunto e relações de pontos em comum podem ser encontradas em *Ten Years of Discovery in the Wilderness of Judaea* de J. T. Milik (Naperville, Ill.: A. R. Allenson, 1959), pág. 98; A. Dupont-Sommer, *The Jewish Sect of Qumran and the Essenes* (London: Vallentine, Mitchell, 1954), págs. 147-166.

13. Êsses pontos são indicados por W. F. Albright e analisados por Bruce, op. cit., pág. 146. A. R. C. Leaney, extremamente devotado a minimizar quaisquer semelhanças entre os Pergaminhos e o Nôvo Testamento; *Guide to the Scrolls* (London: SCM Press, 1958), págs. 68 em diante e G. Graystone, *The Dead Sea Scrolls and the Originality of Christ* (N. Y.: Sheed e Ward, 1956), vide especialmente págs. 26 e 63.

14. "Êste Messias era diferente de qualquer tipo de Messias esperado em Qumran... e todos os acompanhamentos de expectação messiânica tiveram seu significado transformado", com a vinda de Cristo; Bruce, op. cit., pág. 147. Esta é exatamente a situação do Livro de Mórmon: "As coisas antigas desapareceram e tudo foi renovado"; 3 Nefi 12:47.

15. Stendahl, op. cit., págs. 11-16.

16. Leaney, op. cit., págs. 69, 71.

17. Ibid., pág. 70.

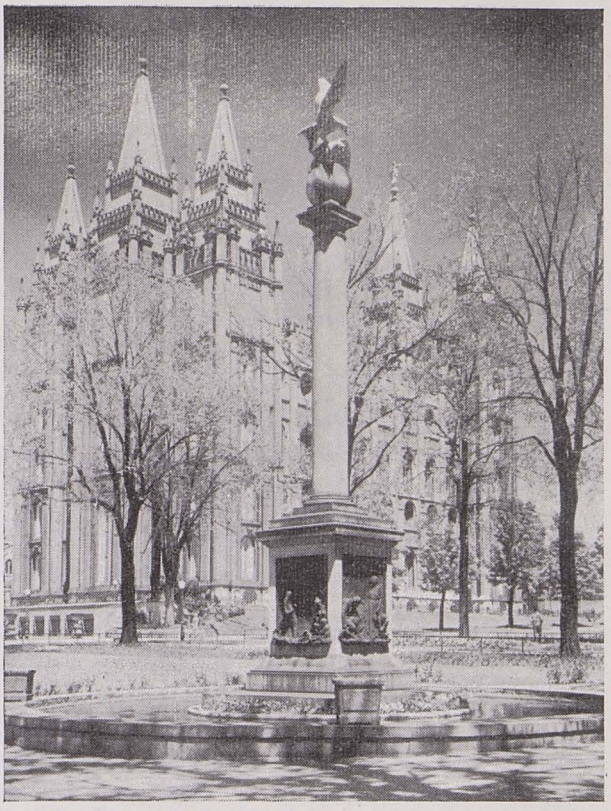
18. "Um Jeremias ou um Ezequiel podia e deve ter lido a história bíblica passada enquanto fazia a história futura, mas nenhum dos dois poderia ter mencionado muitos livros que iriam posteriormente constituir o Velho Testamento": E. A. Speiser, in *Centennial Review of Arts and Science*, IV (1960), n.º 2, pág. 210. O mesmo se aplicaria a Qumran.

19. Êse sistema foi examinado em um artigo de Bo Reicke em Stendahl, op. cit., págs. 143-156.

20. Mosias 18:18

21. Ibid., 18:5-6.

22. Bo Reicke comenta o assunto: op. cit., págs. 154-6.



O Encontro

Walter Spät
Presidente da Estaca São Paulo

Esta é uma pequena história, destas que acontecem à margem do nosso labor rotineiro na Igreja e que são conhecidas apenas pelas pessoas envolvidas. São pequenos acontecimentos que tocam profundamente o nosso sentimento e tornam-se momentos dos mais preciosos, às vêzes tão curtos e raros, mas de um inesquecível efeito para o resto da nossa vida.

Começou há 17 anos quando dois jovens de boa aparência bateram à porta da minha casa. Guaguejavam uma apresentação com característico sotaque americano: "... Missionários mórmons? Joseph Smith, um profeta moderno? Não diga! Livro de Mórmon? Será verdade?... A Igreja de Jesus Cristo restaurada? Que maravilha!..." Depois de uma visita a uma reunião numa sala obscura da Rua do Seminário, outras visitas se seguiram até que a freqüência se tornou regular e, seis mêses depois, veio o batismo. Os então já queridos missionários haviam terminado a sua missão e partido. Haviam deixado aqui não apenas as sementes, mas também plantas em formação.

A minha vida foi-se transformando em muitos aspectos. O trabalho na Igreja foi preenchendo mais e mais todo o meu tempo livre. Os cargos que ocupei foram se sucedendo. A Igreja crescia e mais capelas eram construídas. Surgiam distritos com liderança nacional. Um pensamento, porém, nunca me deixou: Teriam aquêles dois jovens ex-missionários conhecimento do que aqui acontecia? Lembrar-se-iam êles ainda daqueles que haviam conduzido ao batismo?

O tempo passava... Grandes líderes passavam pela Missão deixando os seus frutos. Começa-se a falar em estaca, em alas... E um dia aconteceu. Foi organizada a primeira estaca da América do Sul!

Naquele meio tempo muito havia indagado dos que iam e vinham acêrca dos ex-missionários, mas ninguém sabia informar sôbre o seu paradeiro. Em setembro de 1966, como presidente da estaca, fui convidado a assistir a conferência geral da Igreja em Salt Lake City. Vieram os preparativos para a viagem, a despedida, a partida e o pouso a jato em Sião. O que se seguiu naqueles dias foi inesquecível e maravilhoso! A bela cidade, o templo, o tabernáculo, o côro, as ruas limpas, as flôres e as frutas, as montanhas, a gente amável e tudo o mais. Tudo caia sôbre a gente como chuva grossa de verão. Tinha que me tornar como uma esponja para poder absorver o máximo de tudo e de todos.

Não obstante, havia alguém que eu muito queria encontrar. Hospedara-me em casa da querida família do ex-presidente Sorensen, da Missão Brasileira, que tudo fêz para que eu me sentisse em confôrto. Falei com a irmã Sorensen a respeito dos missionários. Ela tomou uma lista telefônica, e procurando, encontrou, encontrou o nome. Telefonamos, mas tratava-se do pai do missionário, que nos forneceu o enderêço do filho. Marcamos por telefone um encontro.

No sábado pela manhã fêz um dia maravilhoso. O sol que banhava a Praça do Templo filtrava-se através das árvores plantadas pelos pioneiros. Após ter assistido à primeira sessão da conferência neste dia, dirigí-me apressadamente, em meio à multidão aglomerada, para o lugar de encontro combinado, alí naquela praça onde há tantos monumentos históricos, monumentos êsses que até então eu só conhecera por figuras.

Parei em frente ao Monumento às Gaivotas. De pé sôbre a mureta, alguém que me parecia conhecido, olhava em volta. Não me havia visto chegar. Paramos um em frente do outro e nos entreolhamos. Élder Lloyd. Abraçamo-nos... Falar não era possível, nem necessário no momento. Seus dois filhos pequenos que o acompanhavam, admirados, ainda não podiam compreender a cena.

Ficamos muito felizes e satisfeitos. Apresentei-me como fruto daquilo que semeara há 17 anos passados. Seu companheiro, o élder Larsen, morava muito distante e não pudera ser avisado a tempo, um encontro com êle deveria ficar para uma próxima vez.

"E se... trabalhardes todos os vossos dias proclamando o arrependimento a êste povo, e trouxerdes a mim ainda que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

"E... se a vossa alegria fôr grande com uma só alma... quão grande será... se me trouxerdes muitas almas!" (D & C 18:15-16).

Então é Disso Que São Feitos os Rapazes? — XI

Mamãe - Vou Me Formar

W. Cleon Skousen

A mamãe mal pode acreditar, mas é verdade. Após todo êsse tempo, o júnior está no último ano do curso secundário.

Secretamente, ela está bem orgulhosa. Nota com que naturalidade êle encara a sua crescente fôrça e a melhoria crescente em sua aparência. Êle empregava um vocabulário espantoso — quase já como um universitário. E é inteligente também. Percebe que é comum êle discutir coisas com seus amigos que escapam completamente a sua percepção. Interessa-se por ciência, política, crimes, guerra, evolução termonuclear, administração local, questões mundiais.

Os 17 anos são importantes para um rapaz. E é uma sorte que coincidam também com a fase final de uma batalha de 12 anos para formatura do segundo ciclo. As qualidades de um rapaz dessa idade e os requisitos dêste último ano combinam bem.

A mamãe nota que seu filho é orgulhoso, sensível, ambicioso, amável. Êle agora trata-a a maior parte do tempo como mãe e não meramente como empregada da casa. Pode até tirá-la para dançar vez por outra — talvez num baile na escola ou na Igreja. Ela sabe que bem no fundo êle tem ainda um pouco de mêdo da vida, mas preferiria ser assado vivo a confessá-lo.

Retrato de um rapaz de 17 anos

Os 17 anos são um bom ano, mas também um ano impetuoso. O júnior atravessou apenas uns poucos meses favoráveis, aos 16, e lembra-se ainda com um arrepio do fantástico vácuo dos 15 anos de início dos 16. Suas qualidades positivas são como botões delicados ao sol de verão. Podem ser cuidadosamente cultivados, para se fortalecer e abrir, ou murchar de uma só vez, abandonados a sua sorte. A tarefa dos pais é então providenciar para que cada traço positivo de seu caráter seja entusiàsticamente cultivado e todos os aspectos negativos eliminados, amável mas firmemente.

E como ter posição é muito importante para um rapaz de 17 anos, o sucesso é igualmente importante. Sucesso demais pode torná-lo presunçoso e egoísta, mas a falta dêle, ou uma avalancha de fracassos poderão fazê-lo sentir-se como "—X^2". Quando você lhe pergunta o que isto significa, êle explica: "Inferior a uma minhoca — pior do que nada". O segrêdo é encontrar um saudável meio têrmo em que êle se sinta eufórico com a descoberta de que pode ser bem sucedido em muitas coisas, mas receba ocasionalmente um jato frio diante da desagradável realidade de que às vêzes pode fracassar.

Um rapaz de 17 anos conserva ainda muito de menino. Gosta de pregar peças nos outros e também de impressionar com suas temeridades. No ano anterior êle não se sentia tão seguro de si e às vêzes moderava o passo para evitar cometer enganos. Êste ano êle já não se preocupa tanto com o que os outros possam pensar —acha que um bom engano, de vez em quando, é um estimulante salutar. Assim sendo, é fácil perceber por que essas duas características — sêde de sucesso e despreocupada irresponsabilidade — combinadas, podem muitas vêzes colocá-lo em apuros.

E, no entanto, o júnior em geral não o faz maldosamente. Na verdade, parece-lhe faltar a habilidade ou o discernimento para compreender algumas vêzes quão graves suas brincadeiras sem sentido podem se tornar. Esta característica é evidente também nos crimes praticados nesta idade.

Aprender o certo pela oposição certa

Isto leva-nos a um dos estranhos paradoxos em muitas personalidades de 17 anos: *aprender as coisas lutando contra elas.*

Um certo rapaz sabe, por exemplo, que não deve roubar, porque seus pais sempre lhe disseram isso. Mas *por que* êle não deve roubar? Logo depois seus pais recebem a notícia — o orgulho e alegria da família meteu-se numa bela enrascada. Êle fica envergonhado; a família embaraçada. Os pais não podem compreender como os policiais do juizado de menores conseguem encarar o assunto de forma tão natural. "É como se estivessem mesmo esperando que o júnior acabasse por fazer isso!" queixa-se o pai. "Não", poderia o policial replicar, "mas esta é a idade em que alguns rapazes testam as barreiras da sociedade, apenas para certificar-se de que elas aguentam".

"Mas o júnior não é dêsses!" protesta sua mãe.

Os policiais concordam que sem dúvida êle é um excelente rapaz, mas naquele momento êle era aquêle tipo de rapaz e efetivamente testara as barreiras, razão porque estava necessitando de receber a esfrega usual, para corrigir-se.

Essa é a oportunidade do júnior de aprender por experiência própria que roubar é para os passarinhos. Alguns pais discutem com a polícia que sinceramente está tentando ajudar o rapaz, dizendo que o júnior está sendo maltratado, incompreendido e marcado para o resto da vida. Se continuarem nisso, em breve o rapaz estará rezando pela mesma cartilha. E, como resultado, não só não aproveitará sua lição a respeito do roubo, como será inoculado com uma dose particularmente forte do veneno da personalidade e em breve começará a lamuriar-se — "Eu sou perseguido".

Há pouco tempo um rapaz foi apanhado com um bando de delinqüentes que se meteram em sérias complicações. Na delegacia seus pais foram aconselhados por outros pais a processar a polícia, porque o seu filho, em particular, não estava envolvido no crime. Acontecera-lhe apenas estar com a turma. O pai do rapaz sabia disso, mas compreendeu que talvez nunca tivesse melhor oportunidade de ensinar a seu filho uma das grandes lições da vida. Portanto, voltou-se para êle, que estivera ouvindo a conversa, e disse:

"Não vou processar a polícia, meu filho. Vou agradecer-lhes. Eu sempre lhe ensinei que quando visse uma turma metida em complicações se afastasse dela. Hoje espero que você tenha aprendido a lição".

Mais tarde, êsse mesmo rapaz disse aos policiais: "Meu pai tinha razão. Dez minutos mais eu seria tão culpado quanto os outros. Já estava começando a achar divertido e ia ajudar no próximo negócio".

Quando os pais compreendem a psicologia da meia-adolescência, podem ser tão úteis a si mesmos quanto a seu filho. Se a polícia apanha um "ótimo rapaz" — e a maioria dêles é — que tenha feito alguma asneira, seu pai pode acrescentar um toque a sua personalidade, dizendo: "Filho, você sabia que estava errado. Agora, que isto lhe sirva de remédio. Engula-o como homem e nós o consideraremos apenas como uma das lições da vida".

Alguns rapazes podem tentar não apenas furtar, mas também beber, fumar, jogar e talvez até tomar algum narcótico. O pai que é sábio aprofunda-se no problema com o rapaz e procura remover a aura de mistério que envolve êsses vícios. O que o júnior quer saber com certeza é se as coisas que seus pais lhe disseram ser "más" são *realmente* más. "Meus pais podem estar enganados", vive êle a dizer de si para si.

As mesmas dúvidas e suspeitas podem ser levantadas também com respeito a ensinamentos religiosos e desenvolvimento de uma filosofia de vida adulta. O júnior talvez manifeste desejo de descer até as fontes de origem. Já não mais se satisfaz em apenas ouvir. Quer que lhe demonstrem. Se o pai ou algum outro adulto bem informado esmiuçar pacientemente cada problema, poderá manter sua fé viva e suas convicções abertas à evidência.

Garôtas

Aos 17 anos um rapaz pode apaixonar-se e desapaixonar-se com a constância de um beija-flor. Existe razão para isso. As garôtas que conhece são amadurecidas o suficiente para ser atraentes, simpáticas e radiantes de prenúncios de vida adulta. O rapaz percebe que elas veem nêle tôdas as plenas possibilidades de um homem e refletem isso no modo de falar, nos tímidos flertes e em gestos sutis apenas percebidos.

O rapaz de 17 anos interpreta essas coisas tôdas como um maravilhoso cumprimento a sua nova condição e a sua capacidade. Satisfazem também uma sêde insaciável. Êle quer tanto ser adulto. E em companhia de certas moças, tem a impressão de que elas acham que êle já é adulto. Conversam a respeito de assuntos evoluídos, até mesmo delicados — de forma casual, sofisticada. Êle aprecia isso. É tão fácil cair por uma dessas garôtas como despencar de um galho.

Mas desapaixona-se com a mesma facilidade com que se enamora. Descobre que algumas garôtas fingem um pouquinho, apenas para lhe dar corda. Elas lhe parecem então extremamente volúveis e êle tem certeza de que procuram mantê-lo embeiçado só pelo prazer da conquista. Na verdade, a primeira vez que é abandonado por uma garôta seu ego se esvazia como um balão furado.

"E pensar em tôdas as mesadas que gastei com ela", reclama. De si para si, no entanto, admite que pensava que ela fôsse sua alma irmã. Agora está convencido de que nem alma ela tem. E conclui que é uma destruidora profissional de corações, uma cavadoura de ouro, enfim, uma enorme decepção. Seu transtôrno emocional não é ilusão, mas uma ferida viva e real. Êle talvez procure ocultá-la jactando-se de que de agora em diante terá ódio a tôdas as mulheres. "Não se pode confiar nelas", afirma êle. "Eu nunca me casarei". Esta firme resolução persiste por duas ou três semanas.

Em anos vindouros êle poderá rememorar essas experiências e concluir que o método da tentativa e êrro é o preferido pela Mãe Natureza para a escolha de uma companheira. Pode até concluir que a garôta que considerou tão volúvel e sem coração era na verdade uma criatura delicada, sensível, que percebeu que a coisa poderia ficar séria e atrapalhar seus estudos. Sua percepção intuitiva aconselhou-a a "cortar enquanto era tempo".

Como esta não é a idade casadoira para um rapaz, oferece oportunidade para êle aprimorar certas prendas que uma garôta levará em consideração mais tarde, quando êle realmente decidir conquistar a "prometida".

As próprias moças dizem apreciar mais em um rapaz:

1. Boas maneiras.
2. Amistosidade.
3. Senso de humor.
4. Bom companheiro.
5. Boa aparência (máscula, não "bonitinha").
6. Boa conversa.
7. Popularidade com outros rapazes.
8. Popularidade entre as moças.
9. Bom parceiro para dança (não um "arrastador de pés").
10. Ter um grupo amável e interessante.

Nôvo Motor, Novos Talentos

Por ocasião dessa idade, o rapaz começa a sentir que um poderoso nôvo motor operando dentro de si. Seus podêres intelectuais estão crescendo. Seus talentos físicos adquiriram fôrça e aprimorada precisão.

O que mais surpreende o júnior é o seu inesperado

sucesso numa porção de novos empreendimentos. Acha que pode vencer em uma porção de coisas: representação teatral, debates, jornalismo, govêrno estudantil, piadas, brincadeiras, canto, dança, atletismo tocar instrumentos, e até mesmo tirar boas notas na escola. Algumas vêzes se sobressai mesmo numa dessas coisas. Há alguns anos teria feito pouco caso da hipótese de que tivesse tais talentos. Não obstante, aprecia o nôvo papel.

E num dêstes dias, desperta para ver o seu nome impreso pela primeira vez. "Isto é bastante significativo", pensa êle. E é mesmo, mesmo que o seu nome apareça num artigozinho de seis linhas enterrado no meio da seção de imóveis. Algumas vêzes ouve as pessoas referirem-se a êle durante a conversa, e de algumas que lhe dirigem a palavra em alguns lugares e lojas, nem se recorda de alguma vez tê-las conhecido.

Para muitos rapazes, a formatura do curso secundário marca o fim de sua instrução formal. Alguns se esforçarão um ou dois anos ainda na faculdade, e outros ainda conseguirão graduar-se. Mas para inúmeros rapazes, a formatura do curso secundário permanecerá como a memória gloriosa de suas realizações escolares.

A formatura representa muito.

Primeiro, significa que o júnior não é um vadio. Êle não se inclui entre as centenas de rapazes que abandonam a escola. A vida moderna é cheia de obstáculos para um rapaz que não adquire preparo básico. O júnior poderá orgulhar-se sempre de haver lutado e conseguido concluir o curso.

Segundo, quer dizer que o júnior sabe muita coisa a respeito de vários assuntos. Aprendeu um pouco de História, ciências, leis, princípios de govêrno, elementos de mecânica, conhece bem sua língua e um pouco de línguas estrangeiras: sabe mais no campo da matemática do que a maioria dos eruditos do passado; já explorou os mistérios dos laboratórios de química, física e biologia; aperfeiçoou sua redação, sua habilidade de discursar e seus dotes atléticos; aprendeu bastante sôbre civismo, alguma coisa de trabalho em grupos, através de comissões e grêmios; e conhece os rudimentos da pesquisa intelectual, sentindo-se à vontade nos arquivos da biblioteca. Sim, senhor, o júnior fêz um progresso e tanto!

Terceiro, a formatura do curso secundário representa preparação básica para uma vida feliz e proveitosa. O rapaz está agora equipado para continuar instruindo-se sòzinho, já que 12 anos de estudo terão despertado seus interêsse em muitos campos. Habilitam-no também a aprender qualquer profissão que não requeira treinamento técnico avançado. Boa parte dos empregos, atualmente, exige pelo menos o ginásio como requisito.

Quarto, êle atingiu um nível de preparo igual ou superior ao da maioria dos cidadãos do país. Um dos aspectos mais importantes da educação é transmitir confiança — não de superioridade, mas de igualdade. Aprendeu que ninguém sabe tudo a cêrca de tôdas as coisas. Já aprendeu a interpelar até os assim chamados sabidões com cautela. Sabe raciocinar por si mesmo, exigir evidências, ponderar. E, na medida em que exercer essa capacidade, reduzirá a "margem de risco" na vida. Isto auxilia-o a eliminar o fator sorte em suas aventuras no mundo dos negócios, avaliando melhor os novos conhecidos e evitando a credulidade no trato com os outros.

Quinto, a formatura do curso secundário realiza um grande sonho dos dois melhores amigos de um rapaz — sua mãe e seu pai. Aos 17 anos o júnior representa um investimento considerável. Exatamente quanto, seus pais não sabem, nem pensam nisso. Deixam aos pesquisadores a estatística. Reconhecem apenas que seu filho foi objeto de grandes quantidades de amor, devoção, cuidado, ensinamento — uma boa porção de preocupações e aborrecimentos. Não obstante, aconteça o que acontecer, não lamentam nada do que fizeram para ajudá-lo. Mas é um prêmio bem grande para uma mãe e um pai ver seu filho tornar-se o ótimo rapaz que sabiam que poderia ser. Eis porque ficam geralmente meio sentimentais nas cerimônias de formatura. Enquanto o júnior caminha pelo palco, de beca e borla, algo de bem profundo se confrange dentro dêles. Ouvir chamar o nome de seu filho e vê-lo receber o diploma diante das pessoas da cidade não pode deixar de abrir as comportas de um feliz coração paterno.

O Profeta Confia na Juventude

As seguintes palavras foram proferidas pelo Presidente David O McKay algum tempo atrás:

"Tenho grande confiança nos jovens de hoje. É verdade que ficamos sabendo ocasionalmente de alguns dêles que decaem dos padrões da Igreja, mas são uma minoria. A grande maioria da nossa juventude ama a verdade e está imbuída do desejo de respeitar os preceitos. Confio nela! Não há felicidade maior na vida que o privilégio que têm os mestres, oficiais e líderes da Igreja de ter a influência e a companhia dos nossos jovens.

"Se pedimos à juventude para fazer algo, a grande maioria corresponde disposta prazerosamente e eu me alegro com sua boa disposição de servir o Senhor com tôda a sua capacidade, não apenas na AMM, mas também na Escola Dominical e nas atividades educativas e cívicas. Os jovens são tão responsáveis e sedentos de verdade quanto os membros da Igreja sempre foram. O Senhor os abençoa. E abençoa a vocês, rapazes e moças, homens e mulheres que têm a incumbência de... prestar-lhes assistência na AMM e em tôdas as ocasiões".

Da juventude de hoje surgirão os líderes da Igreja no futuro. Que repto abençoado, ligar-se à grande organização juvenil da Igreja — a AMM!

Como Tornar os Nossos Alunos Praticantes?

Parte I

Ernest Eberhard, Jr.

Dale Kilbourn

O Presidente David O. McKay disse certa vez: "Não basta saber o que é o bem, devemos praticar o bem". E acrescentou que a criança que aprende numa aula o conceito da obediência aos pais talvez possa ainda voltar para casa e desobedecê-los, apesar de ter o firme propósito de ser obediente. O Profeta ressaltou que muitos professôres "falham em aplicar o propósito da lição... e em demonstrar à criança como introduzir a verdade em sua vida — em sua hoje, não em algum dia futuro não definido".

Falando a respeito de ensinar as verdades do evangelho, o Presidente McKay conclamou os professôres a "abrirem avenidas para a expressão, para a ação" por parte dos alunos. Em vez de fazer sermões sôbre a verdade, os professôres devem "apontar o caminho da ação".

As Escrituras imputam a mesma perspectiva a todos os homens, como guia básico de conduta.

"Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, não ouvintes sòmente, enganando-vos a vós mesmos..." (Tiago 1:22).

"Nem todo o que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a vontade do meu Pai que está nos céus". (Mt. 7:21).

"Pois êles serão julgados de acôrdo com as suas obras, e todo o homem receberá de acôrdo com as suas próprias obras..." (D & C 76:111).

Todo o ensino deve ser orientado no sentido de fortalecer as normas de conduta aceitáveis já adquiridas ou mudar procedimentos errôneos e negativos. Êste objetivo é bastante aceito entre os professôres, mas suas implicações escapam à maioria dêles. Nenhum outro aspecto da técnica do ensino necessita mais de desenvolvimento.

É preciso que se diga primeiramente que o ensino "que conduza à prática" não é algo simples, porquanto, conhecemos muito pouco a respeito da motivação no campo do comportamento humano. Outro problema é a multiplicidade de estímulos a que o aluno está sujeito fora da sala de aula. É difícil orientar a conduta humana numa aula de 45 minutos de forma tão intensa que sobrepuje as alterações ou enfraquecimentos resultantes de uma semana de 10.000 minutos. A despeito desta limitação, inúmeras pessoas podem testificar a duradoura eficiência de alguns professôres.

O que determina a conduta?

A Escritura responde a esta pergunta. Basta que se examine o índice de concordâncias da Bíblia e se verifique a longa lista de referências ao coração e ao papel que lhe é atribuído nas ações humanas. Provérbios 16:9 declara: "O coração do homem considera o seu caminho..."

Isso não significa que as funções fisiológicas do coração determinem nossas ações na vida. Refere-se, antes, ao fato de que o coração dá impressão de ser o órgão de maior participação em nossas reações emocionais. Figurativamente dizemos que alguém tem o coração bondoso, fechado ou que está com o coração ferido. A declaração "como se imagina o homem em seu coração, assim é", indica que somos levados pelas emoções na escolha da nossa linha de ação na vida. Se, então desejamos influenciar os nossos alunos a viver retamente com nobreza, precisamos levá-los a adotar atitudes que os motivem constantemente a êste tipo de vida. A forma de se viver segundo essa norma de vida está contida na atitude acadêmica ou intelectual para com a vida. O *porquê* de se escolher um tipo de ação de preferência a outra provém da estrutura emocional da personalidade e do caráter do indivíduo. Essa constelação emocional é organizada em tôrno de padrões de sentimentos ou emoções, através do amálgama das tendências positivas ou negativas que as pessoas acumulam durante a vida.

Apesar desta explanação da formação da personalidade e dos traços do caráter ser simplificada, ilustra de maneira compreensível e útil a forma de se alterar padrões de conduta, fortalecê-los ou criá-los. Existem quatro elementos neste esquema: 1 — conceitos, 2 —

atitudes, 3 — traços de personalidade e 4 — caráter.

1. *Conceito:* Um conceito é uma declaração descrevendo um objeto, condição ou princípio. É representado por símbolos, tais como palavras. Símbolos escritos tais como *Deus, Igreja, Templo,* podem denominar-se conceitos.

Um aluno pode ter um conceito do fato detalhado e completo, sem possuir uma *atitude* para com êle. Por exemplo, muitos alunos possuem um conceito detalhado e informativamente correto a respeito de Deus, não obstante não são motivados a empregar essa informação para procurarem tornar-se mais semelhantes a êle em sua maneira de agir. Pode-se-lhes ensinar detalhes da construção do antigo Tabernáculo israelita sem isso aumentar em nada o seu desejo de compreender ou praticar o princípio do sacrifício, seja na forma antiga ou na atual. Podem aprender a história da construção dos templos nesta dispensação sem sentir o menor desejo de casar-se lá. Seu conceito quanto à arquitetura geral das capelas da Igreja pode ser bastante detalhado, sem que isto crie neles qualquer desejo ou capacidade para a adoração reverente. Enquanto os estudantes não tiverem experiências pessoais significativas ligadas aos seus conceitos, não haverá desenvolvimento de atitudes que influenciem a conduta.

2. *Atitude:* A atitude é uma tendência negativa ou uma tendência positiva com relação a um conceito. A atitude é o resultado de experiências pessoais definidas e adequadas com relação a conceitos tais como *templo,* que tenham sido introjetados ou aceitos no ego do aluno, de forma que sejam importantes para êle na realização dos objetivos da vida. Sem um atitude, o conceito jaz adormecido. Não há nenhuma necessidade sensível de reação ou ação.

O grande valor das atitudes na formação do comportamento é a sua tendência inata de perdurar, reter seu poder de motivar. Qualquer professor pode provar esta afirmativa para si mesmo notando como as suas próprias atitudes — racionais ou irracionais, sadias ou não, imediatas ou de longo alcance — o motivaram de forma consistente a escolher certas formas de agir e padrões de reação. As atitudes são muito mais poderosas que reações mecânicamente condicionadas como orientadoras da conduta. Tais reações condicionadas decrescem ou se extinguem, a menos que sejam consistentemente reforçadas. Na verdade, as atitudes podem persistir por tôda a vida pràticamente sem qualquer refôrço. Isto ocorre com respeito às atitudes más e indesejáveis tanto quanto ocorre com as boas. Por êste motivo, para que os alunos se tornem praticantes da palavra, a formação de atitudes em suas vidas deve ser o ponto focal de todos os ensinamentos do evangelho.

As atitudes não permanecem isoladas. Elas se acumulam e são "drenadas" para outras áreas do ajustamento emocional. Por exemplo, se um pai promete levar o seu filho a caçar e depois, por alguma razão que o pequeno não possa compreender ou não lhe fôr explicada, deixa de cumprir a promessa, o garôto poderá ficar tão desapontado que, sem o perceber, desenvolverá o sentimento de que seu pai não merece confiança em outros setores das suas relações. Quaisquer experiências posteriores que tenham elementos em comum com a experiência inicial de frustração, tenderão provàvelmente reforçar a atitude do menino. Mais tarde na vida, êle poderá ser influenciado por esta estrutura e aceitar ou rejeitar os conselhos do seu pai, na passagem da infância para a idade adulta.

É nesta área da formação da atitude que grande parte do ensinamento do evangelho falha em sua eficiência. Como muitos professôres não compreendem a mecânica da formação das atitudes, não estão aptos a estruturar a preparação de sua aula de forma que os estudantes sejam motivados a introjetar o material histórico, narrativo ou expositório da aula. A instrução deixa de mostrar como podem introduzir as verdades em suas vidas hoje. Recebem pouca ou nenhuma oportunidade de sentir seu valor no esquema pessoal da busca de objetivos.

Apenas na medida em que a instrução auxiliar os alunos a atingirem seus objetivos de vida primários, obterão êles a convicção própria ou a introjeção que cria uma atitude motivadora. Uma tal atitude não resulta de sermões generalizados ou exortações que o professor possa fazer ao final de uma aula de instrução histórica, quando os alunos já esperam impacientes para escapar da classe.

3. *Traços de Personalidade:* Após ter um indivíduo ter adquirido uma atitude com relação a um conceito, passa a reagir de acôrdo com a tendência que agora sente. As reações consistentes na base dessa tendência formam padrões de reação que persistem e influenciam sua norma geral de vida. Êsses padrões de reação, denominados traços de personalidade, determinam o tipo e a qualidade do caráter que a criança desenvolverá.

4. *Caráter:* É a habilidade de viver confortàvelmente e de forma produtiva dentro da estrutura da sociedade na qual a pessoa se situa. A sociedade real do aluno santo dos últimos dias é o reino de Deus. Esta é a razão pela qual Jesus constantemente salientava a necessidade de se considerar o que poderemos nos tornar. O ensinamento do Evangelho deve salientar de forma consistente essa orientação, a fim de criar atitudes que abram os portões da sociedade celestial, que deve ser o objetivo único da vida de um santo dos últimos dias. É um fato que o aluno precisa viver no mundo presente e adaptar-se a tôdas as influências, boas e más. Entretanto, êle deve estar sempre cônscio de que o seu meio atual é temporário e de que deve aspirar, sm primeiro lugar e sempre, à cidadania no reino de Deus.

Métodos e técnicas que auxiliem a tornar possível um "ensino que conduza à prática" e que criem atitudes desejáveis serão apresentados no próximo número.

Explosão... *(conclusão da página 3)*

demográfica vem seguida de sérios problemas. O ar acha-se poluido em extensas áreas. Os reservatórios de água dôce estão em processo de rápida poluição. O mau uso ou o abuso das terras aráveis é agravado pelo esgotamento dos recursos minerais. O homem está juncando a terra, e as águas com lixo e lançando esgôtos em tôdas as direções. O que será dos seis bilhões de sêres do início do séc. XXI? (Daqui há 33 anos). Um dos mais desafiadores aspectos do presente e do futuro é como poderão os homens cooperarem para manter a terra habitável.

Ó Vem, Supremo Rei

Alexander Schreiner

Hino para a Escola Dominical Sênior para o Mês de Setembro

HINO: "Ó Vem, Supremo Rei", autor, Parley Parker Pratt; compositor, desconhecido; *Hinos — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, n.º 13.*

Êste hino é a um tempo espiritual e animado. É òbviamente espiritual por ser dirigido ao trono celestial, sendo assim uma oração. Mas é também intenso e fervoroso, entoado como um brado de hosana. Por êsse motivo, para se lhe dar expressão é necessário que seja cantado com fervor e em alta voz.

No livro *Histórias dos Hinos dos Santos dos Últimos Dias* (p. 185), George D. Pyper escreveu: "Parley P. Pratt e mil e duzentos homens, mulheres e crianças haviam sido expulsos dos seus lares em Jackson County, Missouri, no outono de 1833, por uma turba assassina. Duzentos lares foram queimados e famílias separadas. Muitos santos foram mortos e outros brutalmente açoitados... e o povo forçado a atravessar o rio em direção ao Condado de Clay. Foi em meio a tais tribulações, sem dúvida, que Parley P. Pratt escreveu "Ó Vem, Supremo Rei". Era um brado fervoroso ao Deus de Israel para que viesse libertar seu povo; um apêlo ao poderoso Rei dos Reis para por um paradeiro ao pecado; uma oração para que chegasse logo a hora em que os santos, em canções mais alegres e jubilosas, pudessem usufruir um reinado de paz".

Êste hino caloroso foi incluído no primeiro hinário publicado pela Igreja em 1835 e tem sido adaptado em vários arranjos. Parley P. Pratt foi membro do Conselho dos Doze. Em várias ocasiões presidiu as missões no Canadá, na Inglaterra, na Nova Inglaterra e na Califórnia. Faleceu em 1857, aos 50 anos. Escreveu muitos dos nossos mais belos hinos, por exemplo: "Um Anjo lá no Céu" (162), "Qual Orvalho que Cintila" (169) e "A Alva Rompe" (179). Não se pode encontrar palavras mais belas com respeito à obra do Senhor nos últimos dias que as do Irmão Pratt.

Ao Regente

Procure fazer um gesto preparatório generoso e claro antes de cada estrofe. Isto consiste em abrir os braços, elevando-os, para dar tempo aos cantores de respirar, a fim de que estejam prontos para cantar a primeira palavra da estrofe seguinte.

O ritmo moderado deste hino é de 92 batidas por minuto. Não o faça mais rápido. Com o andamento correto, as pessoas poderão respirar de forma bastante natural entre dois compassos, fazendo um quarto de pausa nas mínimas com um ponto de aumento.

Ao Organista

A fim de inspirar um cantar correto, a execução pode-se iniciar de várias formas. Primeiramente, use um registro forte e brilhante com pausas agudas. Segundo, utilize um tom firme, não vacilante. Terceiro, toque esta música com um rítmo forte e regular. Procure cooperar com o regente na obtenção de um andamento moderado de 92 batidas por minuto. Isto representa quase três batidas para cada dois segundos.

Você emprega transposição? Será interessante se a praticar primeiramente em particular. Para o canto da congregação, êste hino deve ser executado num tom mais baixo do que aparece no hinário. Se não fôr habilidoso em transposição, programe exercícios pois, resultarão deleitosos. Não esqueça: "Aquilo em que você persevera torna-se fácil de fazer". Pratique-o primeiramente meio tom abaixo e a seguir um tom, em clave de lá bemol.

Jóias Sacramentais de Setembro

Escola Dominical Sênior

Disse Jesus: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei". (Mateus 11:28).

Escola Dominical Júnior

"E aconteceu que Êle novamente partiu o pão e o abençoou, e deu aos discípulos para que o comessem". (3 *Nefi* 20:3).

Vagas Procelosas

Edith Nash

Hino para a Escola Dominical Júnior para o Mês de Setembro

HINO: "Se da Vida as Vagas"; autor, J. Oatman Jr.; compositor, E. O. Excell; Hinos — *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias n.º 151.*

A letra do hino escolhido para êste mês recorda-nos a atitude dos nossos pioneiros. "Conte as bênçãos", contém uma mensagem que se tornou fonte de grande fôrça para os santos dos últimos dias. Quando é cantado, tem o poder de soerguer a congregação num espírito de unidade. Esperamos que o conceito dêste hino se torne querido das crianças; reconhecemos, entretanto, que o seu significado pleno poderá não ser completamente compreendido por tôdas as crianças, mas esperamos que ao crescerem, o significado dêste hino cresça com elas, dando-lhes coragem quando tiverem problemas.

Ao Regente

Como êste é um hino longo e mais difícil para as crianças que os demais, sugerimos que se empregue o "método de frases" no ensino. Quando ensinamos um hino desta maneira, primeiramente cantamos um estrofe para as crianças três ou quatro vêzes, para que ouçam certas palavras ou um pensamento particular. Então comentamos o significado de qualquer parte que possam não ter entendido. A seguir cantamos apenas a primeira frase enquanto elas ouvem, então é a vez delas cantarem esta frase, repetimos o mesmo procedimento com a segunda frase. As demais frases são ensinadas da mesma maneira. Enquanto as crianças repetem o que nos ouviram cantar, podemos detetar quaisquer enganos que possam cometer ou qualquer parte em que se sentem inseguras. Convém praticar êsses trechos até que possam ser cantados corretamente.

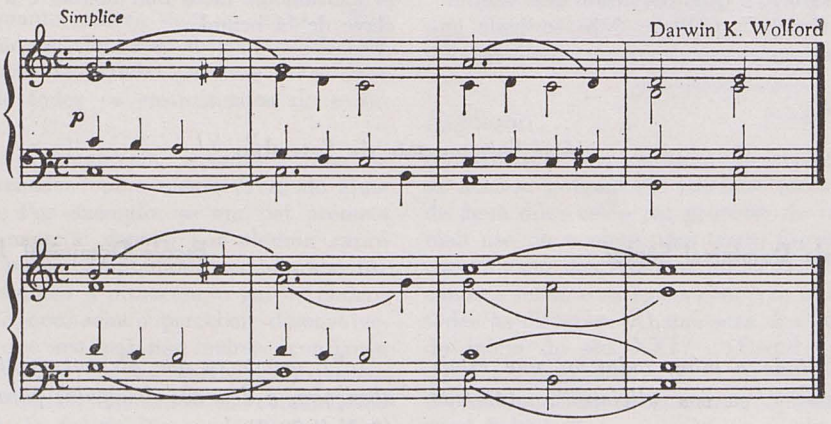
Quando as crianças são ensinadas pelo método de frases, precisam ouvir cuidadosamente de modo a repetirem o que ouviram. À medida que forem se familiarizando com o hino, poderemos combinar duas frases de uma vez, ao invés de cantá-las separadamente. Após ter isto sido feito algumas vêzes, poderemos convidar as crianças a cantarem conosco. Finalmente, deixámo-las cantar sem qualquer ajuda dos adultos.

Sugerimos que, para começar, apenas a primeira estrofe seja ensinada às crianças; depois aprenderão o côro. As mais velhas deverão aprender tanto a primeira estrofe quanto o côro, enquanto que as pequenas talvez só aprendam o côro ou a frase principal: "conte as bênçãos". É muito mais satisfatório que as crianças aprendam uma estrofe ou mesmo parte, mas que a saibam bem, que tentar aprender tôdas as estrofes e apenas ser capaz de cantar um palavra aqui e outra ali.

Uma excelente maneira de se constatar que as crianças estão realmente aprendendo um hino é fazer com que sejam ouvidas por adultos. Professôras e regentes estão tão ansiosas de verem as crianças obterem sucesso que, sem percebê-lo, cantam por elas; as crianças então não veem por que esforçarem-se.

Ao Organista:

Neste hino há vários intervalos próximos, assim, a regente poderá preferir que o acompanhamento seja tocado enquanto as crianças aprendem. Não obstante tenha sido escrito em quatro partes, gostaramos que as crianças e as professôras na Escola Dominical Júnior cantassem sòmente a melodia. As crianças podem ficar confusa com muitos sons, se fôr tocado o acompanhamento completo; dessa forma, é preciso que toquemos as notas superiores com a mão direita para que uma melodia clara possa ser ouvida. A mão esquerda deverá tocar suavemente.

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais de Setembro

Programa Noite Familiar

Sugestões para Agôsto

1.ª SEMANA — *FINGIMENTO: O INIMIGO DO ARREPENDIMENTO*

Muitas pessoas vivem fingindo. Tentam corresponder às expectativas dos outros e, quando falham, procuram alcançar seu objetivo fingindo amar, serem justas, leais, fortes. Através dêsse pretexto sentem uma falsa idéia de progresso. Portanto, negam a si mesmas a alegria do verdadeiro crescimento que vem através do arrependimento.

O Salvador condena a hipocrisia

Inicie contando a parábola dos dois filhos (Mateus 21:28-31). O primeiro filho representa um grupo de pessoas que recusam-se a ouvir o evangelho, mas que depois se arrependem e o aceitam. O segundo filho representa os escribas, os sumos-sacerdotes e os fariseus, que fingiam aceitar o evangelho, mas não viviam seus princípios.

Pergunte: Por que o Salvador condenava a hipocrisia? (As respostas deverão incluir a idéia de que, por causa do Salvador nos amar, deseja que sejamos livres da hipocrisia). Por que o fingimento impede o nosso arrependimento? (Quando fingimos, sentimos um falso confôrto, achando que não devemos nos arrepender).

Leiam juntos Mateus 23:3, 5, 6, 7; 6:2; 15:8. Ao fim da leitura de cada versículo, faça a pergunta indicada abaixo:

23:3 — O que o Senhor deseja que evitemos? (Dizer uma coisa e fazer outra).

23:5 — —Idem. (Explicar que "filactérias" eram estreitas tiras de pergaminho, as quais traziam escritas uma passagem das Escrituras, que os judeus colocavam no braço ou na testa. Algumas pessoas faziam-nas bem largas, para que os outros pensassem que eram puras. Os judeus também usavam colocar símbolos na franja dos seus vestidos, para representar o convênio que haviam feito. Na intenção de impressionar os outros, alguns faziam as franjas mais largas do que o necessário. O Salvador deseja que evitemos de fazer o bem sòmente para chamarmos a atenção).

23:6 — De que o Salvador nos previne? (De freqüentarmos a Igreja sòmente para sermos vistos por outras pessoas).

23:7 — Idem. (De amar os títulos que nos fazem sentir que estamos acima dos outros).

6:2 — O que devemos evitar? (Não nos gabarmos de nossas ações para obter a glória dos homens).

15:8 — Sôbre o que fala esta passagem? (Evitarmos dizer coisas que nada significam, quando oramos).

Nossa família não deixará que o fingimentos impeça o seu arrependimento.

O fingimento é um hábito que talvez tenhamos arraigado dentro de nós. Um dos primeiros passos a serem tomados para sobrepujarmos êsse vício é reconhecê-lo em nós mesmos.

Como um meio de fazer essa verificação, leia as seguintes situações aos familiares e pergunte-lhes se alguma delas é simulada:

— uma criança diz que a tarefa da escola está feita, quando não está.

— uma criança finge ter limpado o seu quarto, quando na realidade, empurrou a poeira para debaixo da cama e amontoou suas roupas no armário.

— uma criança ou um adulto finge que está doente só para não ter de fazer uma tarefa difícil ou desagradável.

— um adulto finge conhecer certa pessoa famosa, só para fazer com que os outros pensem que é importante.

— uma pessoa finge gostar dos outros, elogiando-os sem sinceridade.

Algumas vêzes os pais são responsáveis pelo fingimento de seus filhos. Quando os pais exigem demais das crianças, estas sentem-se inclinadas a fingir, com mêdo de falharem e serem repreendidas.

Os pais devem aceitar os filhos como êles são, fazendo-os aceitarem-se a si mesmos. É claro que os pais precisarão encorajar os filhos, a fim de que progridam e desenvolvam seu potencial. Entretanto, êsses objetivos devem ser razoáveis e bastante relacionados com a idade da criança.

2.ª SEMANA — *JULGAR, NÃO PELA APARÊNCIA, MAS PELO CORAÇÃO*

Não julgar pela aparência é um princípio difícil de ser vivido. E os jovens têm dificuldade de aprender êste princípio porque são poucas as pessoas idosas que o seguem.

Se seguirmos a Jesus, devemos olhas além da aparência, tentando levar em conta as circunstâncias atenuantes e compreender os sentimentos envolvidos nesse comportamento.

Julgamos pelas aparências

Pergunte: algum de vocês já foi julgado por pessoas que não procuraram saber o motivo do seu comportamento? Por exemplo, alguém o julgou esnobe, quando você era tímido? Alguém a julgou uma dona de casa mal asseada, quando você estava doente? Algum rapaz foi chamado de maricas porque não jogava bola com os outros, quando tinha uma lesão no coração?

O Pai Celestial enxerga além das aparências

A unção de Davi:

Saul, o primeiro rei de Israel, havia sido bom. Entretanto, o poder e a riqueza transformaram-no. Samuel, o profeta daquela época, foi informado pelo Senhor de que deveria ir a Belém, até a casa de Jessé, onde encontraria o rei que iria tomar o lugar de Saul.

Quando Samuel chegou à casa de Jessé, e viu-se frente a frente com os seus dois filhos, ficou impressionado com a aparência de um dos rapazes, pois era mais forte e simpático do que o outro. Êle tinha "jeito" de rei e Samuel pensou que certamente seria escolhido pelo Senhor.

Pergunte: Por que o profeta estava tão certo de que o Senhor escolheria êsse rapaz? (Sòmente por causa de sua aparência física).

Contudo, o Senhor fêz saber a Samuel que aquêle não era o escolhido. Um por um, os outros seis filhos de Jessé foram trazidos à presença de Samuel, mas nenhum dêles teve a perferência. Por fim Samuel perguntou a Jessé, "Acabaram-se os teus filhos?" e Jessé disse que ainda faltava um, que estava apascentando as ovelhas. Quando Davi entrava em casa, após haver sido chamado, o Senhor disse a Samuel, "Levanta-te e ergue-o, pois êste é êle".

Pergunte: Por que o Senhor não escolheu os outros filhos de Jessé?

Depois dos familiares responderem, abra a Bíblia e peça a alguém para ler a bela passagem em que o Senhor demonstra o seu método de jugar o valor das almas, em I Sam. 16:7.

Jesus via pelo coração

Jesus estava familiarizado com as experiências de julgamentos baseados ùnicamente na aparência exterior. Sentia pesar por êsse tipo de julgamento; dêsse modo foi condenado e crucificado. Peça aos familiares para lerem juntos João 7:24.

A seguir conte à família um incidente da vida do Salvador que ilustra lbem como êle julgava pelo coração:

O julgamento de Zaqueu:

Zaqueu era um homenzinho muito agressivo: tinha a mais detestável ocupação da época: era coletor de impostos do odiado govêrno romano.

Parece que através do trabalho havia coletado mais impostos do que o limite legal e por isso tornara-se rico. Quando soube que Jesus viria àquela cidade, desejou vê-lo. Como era pequeno, saiu de perto da multidão, subiu numa árvore e ficou a esperar Jesus.

Pergunte: Zaqueu era do tipo de pessoa que dispende tempo com alguém ou com um amigo? (Para as pessoas da época, êle era pequeno, destestável e pecador).

Como Jesus reagiu vendo Zaqueu a olhá-lo do galho da árvore? Peça aos familiares para lerem Lucas 19:5.

Quando Jesus o olhou, não viu apenas o seu tamanho e a sua ocupação. Viu um homem diferente dos demais, com desejo sincero de ser melhor no futuro. Mais tarde, já em casa de Zaqueu, êste disse a Jesus (Leiam Lucas 19:8).

O justo julgamento de Jesus, a maneira pela qual êle observava além da aparência externa são padrões que cada um deve se esforçar por conseguir.

Para ilustrar à família que as coisas nem sempre são da forma que julgamos, recorte numa fôlha de papel dois trapézios iguais e mostre-os lado a lado. (Por ilusão ótica um dêles será visto menor).

3.ª *PAGAR O MAL COM O BEM*

Para se alcançar o objetivo desta lição, precisamos cultivar o amor pelos outros, de uma forma bastante profunda.

Jesus pagou o mal com o bem

Antes de ler a Escritura em Mateus 26:47-50 explique que Judas teve a grande honra de ser escolhido por Jesus para ser um dos seus doze discípulos. Durante três anos Jesus ensinou-o, orou por êle, dirigiu seus passos e o amou.

Pergunte: O que fêz Jesus com relação ao comportamento de Judas? (Sòmente reprovou-o com a demonstração de sua tristeza).

Quando os outros discípulos viram os soldados levando o Mestre Amado, perguntaram: (Leia Lucas 22:49-51). Retrate Jesus no meio de homens irados, que desejavam tirar sua vida. Apesar disso, pediu que o soltassem por um momento, para curar a orelha de um dêles, a qual Simão Pedro cortara com um golpe de espada, tentando defender o Mestre.

É fácil amar e fazer o bem a quem nos ama, entretanto, o teste real é amarmos a quem nos faz mal. Paulo também nos aconselhou a pagar o mal com o bem; peça a um filho para ler Rom. 12:21.

A parábola do filho pródigo nos ajuda a compreender

Um dos melhores meios da família saber sôbre o amor paterno, será lendo Lucas 15:11-32.

Depois, repita a parábola com suas próprias palavras, salientando o contraste entre a atitude do pai com a do irmão mais velho; demonstre como o pai pagou o mal com o bem, enquanto que o filho mais velho pareceu desejar sòmente pagar o mal. Pergunte:

Com quem nos assemelhamos: com o pai ou com o filho mais velho dessa parábola?

Por que Jesus contou essa história? (As respostas deverão incluir a idéia de que Jesus deseja que amemos mesmo os que agem injustamente conosco ou com pessoas a quem estimamos).

Quando amamos como o pai da parábola, perdoamos e esquecemos muitas coisas que os outros fazem para nos magoar.

Necessitamos de coragem e sabedoria para aplicar êsse princípio em nossa vida

Pergunte: há perigo de sermos enganados quando pagamos o mal com o bem? Dê exemplos. (Seus exemplos deverão incluir uma criança maior magoando outra menor, uma pessoa em posição de destaque menosprezando uma outra sob sua direção, ou situações em que determinadas pessoas tiram vantagem de outras pessoas sem levar em conta a consideração.

Pergunte: aproveitamos do fato de estarmos sendo enganados para nos vingar dos outros? Como podemos evitar isso? As respostas dadas pelos familiares deverão incluir a idéia seguinte:

— não devemos pensar que estão tirando vantagens de nós, nem devemos agir com ira. Ajude os familiares a compreenderem que não devemos aplicar êste método, pois que, com coragem, amor e imaginação, tudo será resolvido. Jesus contìnuamente praticou êsse princípio, apesar de estar preocupado com problemas bem mais graves do que os nossos. Êle espera que façamos o mesmo não apenar no lar, com os familiares, mas com tôdas as pessoas que conhecemos.

4.ª SEMANA

JESUS CRISTO AMA AS CRIANÇAS

Para iniciar a lição mostre algumas fotos de seus filhos quando eram pequenos. Isto fará com que se sintam importantes.

Jesus dispensa um sentimento especial para com as crianças.

Não sòmente os pais acham que as crianças são especiais, mas também Jesus.

Peça a um filho para ler Marcos 10:13-16. Os filhos mais adultos também poderão ler Mateus 19:13-15 e Lucas 18:15-17.

Pergunte: Porque as mães traziam seus filhos até Jesus? (Sabiam que Êle as queria bem e as abençoaria). Por que os discípulos de Jesus repreenderam as mães? (Porque achavam que Jesus estava cansado e talvez ainda não tivessem aprendido a respeitar as crianças como o Mestre).

Características das crianças que são benquistas por Jesus

Ajude a família a conhecer algumas dessas características: êle não escolhia as crianças por sua inteligência ou talentos. O Salvador ama tôdas as crianças. Os seguintes versículos do Nôvo Testamento mostram as qualidades que o Salvador admira nas crianças: peça aos familiares para descobrir quais são elas; o versículo acha-se em Mateus 18:2-5.

Pergunte: o que significa ser humilde? (Não sentir-se superior às outras pessoas, não achar que sabe mais do que os outros).

A pessoa humilde gosta de ser ensinada. Se os pais ensinarem seus filhos a seguirem os mandamentos de Jesus, quando forem adultos continuarão a fazê-lo. Foi por esta razão que o Senhor ordenou aos pais para que ensinassem suas crianças no lar.

Jesus não deseja que as crianças sejam conduzidas pelas falsas idéias dos homens, disse: (Leia Mateus 18:6).

Pergunte qual a outra razão porque Cristo tem um sentimento especial para com as crianças; antes disso leia D&C 74:7. (Jesus dispensa-lhes um sentimento especial porque são puras e santas. Êle as salvou através de sua expiação. A criança que morrer antes da idade do entendimento entrará no céu porque não tem pecados). Os adultos e jovens poderão ler Mosíah 3:16.

Sugestão aos pais e adultos

Com freqüência, os adultos dispensam uma atitude negativa para com as crianças desobedientes ou exigentes. O Salvador agiria dessa forma?

Os adultos devem compreender que uma criança depende dos ensinamentos dêles. Para melhor ilustrar êsse ponto, leia D&C 29:46-48. Depois pergunte: O que significa "para que grandes coisas sejam requeridas de seus pais?" (Que os pais são responsáveis de ensinar os filhos a andarem retamente diante do Senhor).

Leia D&C 93:39 e pergunte: Como as crianças podem ser desviadas "pela tradição de seus pais?" Você acha que o Senhor dá as mesmas mensagens aos pais de hoje como aos líderes que estavam sendo instruídos no versículo lido?

Você, como pai, pode demonstrar amor a uma criança por vários modos; por exemplo:

— dispender tempo para ouví-la com interêsse; se não puder ouví-la nesse momentos, marque hora para mais tarde.

— não comparar o seu modo de ser com outra criança.

— nunca lhe dizer: "eu sabia que você faria isso. É tão desastrada!"

— compreender que tôdas as crianças têm valôres individuais.

— ensiná-las a tomar suas próprias decisões.

Sugestões

1.ª semana

Hino: "Que firme alicerce", n.º 49.
Oração:
Lição/Objetivo: Ajudar os familiares a escolherem o arrependimento em vez do fingimento, como um meio de progredirmos e sermos o que Jesus deseja que sejamos.
Memorização: Mateus 23:3.
Atividade: Jogral pela família.
Hino: "Tal como um facho", n.º 160.
Oração:
Lanche: Gelatina de limão.

2.ª semana

Hino: "A vida é luta sem quartel", n.º 153.
Oração:
Lição/Objetivo: Ajudar os familiares a seguirem a admoestação de Jesus, não julgando sòmente pela aparência.
Memorização: João 7:24.
Atividade: Canção pela mãe.
Hino: "Já refulge a glória eterna", n.º 30.
Oração:
Lanche: "Romeu e Julieta" (queijo com marmelada).

3.ª semana

Hino: "Assombro me causa", n.º 62.
Oração:
Pensamento: Por um dos filhos.
Lição/Objetivo: Inspirar os familiares a pagarem o mal com o bem.
Memorização: Romanos 12:21.
Atividade: Procurar identificar constelações no céu.
Hino: "Agora não, mas logo mais", n.º 178.
Oração:
Lanche: Sonhos.

4.ª semana

Hino: "Se a vida é penosa", n.º 69.
Oração:
Poesia: Pelo pai.
Lição/Objetivo: Estimular os familiares a amarem e respeitarem as crianças, como Jesus o fêz.
Memorização: D&C 79-7
Atividade: Ver fotografias da família.
Hino: "Sei que Deus é sabedor", n.º 14.
Oração:
Lanche: Banana amassada com leite e aveia.

20 JUL 1967